



Serviço Público Federal

Universidade Federal do Pará

Campus universitário de Marabá

Faculdade de Estudos da Linguagem

Antônio Gilberto Alves da Costa

A construção de Eurico como Herói romântico na obra *Eurico, o Presbítero*, do autor: Alexandre Herculano

Marabá/PA

2011

Antônio Gilberto Alves da Costa

A construção de Eurico como Herói romântico na obra *Eurico, o Presbítero*, do autor: Alexandre Herculano.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Estudos de Linguagem, da Universidade Federal do Pará, Campus Marabá, com requisito para obtenção do título de Graduação de Licenciatura Plena em Letras. Habilitação em Língua Portuguesa.

Marabá

2011

Antônio Gilberto Alves da Costa

A construção de Eurico como Herói romântico na obra *Eurico, o Presbítero*, do autor: Alexandre Herculano.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Estudos de Linguagem, da Universidade Federal do Pará, Campus Marabá, com requisito para obtenção do título de Graduação de Licenciatura Plena em Letras. Habilitação em Língua Portuguesa.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

_____ - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Simone Cristina Mendonça

_____ - Membro

Prof.^a Esp. Fernanda Alves de S. Andrade

_____ - Membro

Prof.^o M. Sc. Jociclei de Souza Santos

Marabá

2011

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho de conclusão de curso as pessoas que nos momentos fáceis e difíceis desta jornada sempre estiveram presentes. Pessoas que eu sem dúvidas cometeria um pecado e uma grande injustiça caso seus nomes neste momento não citasse.

Aos meus pais, Antônio Rufino da Costa e Maria Gilda Alves.

A minha esposa Bia e a meu filho Andros Rafael, pela paciência e compreensão pelos árduos momentos que estive ausente em função deste estudo.

Ao amigo Marcelo Almeida Araújo pela ajuda e incentivo.

A minha cunhada Mara Ribeiro que me abriu as portas do conhecimento quando precisei.

A minha professora e orientadora Simone Mendonça por sua dedicada colaboração e paciência na realização deste trabalho.

A todos os meus professores que para mim sempre serão mestres na arte de educar e que me fizeram com suas eloquentes orientações alcançar este difícil, mas prazeroso objetivo.

E não poderia esquecer meus companheiros e amigos leais que ao longo de cinco anos aprendi a admirar e respeitar. Em especial as amigas de tantas conversas e caldos, Kauana Penalva, Poliana Dias, Raquel Martins, Natali Pinheiro e Aguinair Rodrigues e a todos os outros que de alguma forma me incentivaram e me fizeram seguir em frente.

A Deus, e a todos vocês obrigado, obrigado e obrigado.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| RESUMO..... | 6 |
| 1 INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 2 UM POUCO DE ROMANTISMO..... | 10 |
| 2.1 O ROMANTISMO EM PORTUGAL..... | 18 |
| 2.2 O AUTOR..... | 21 |
| 3 O ROMANCE E O ROMANCE HISTÓRICO..... | 26 |
| 4 UM DESPRETENCIOSO OLHAR SOBRE, A OBRA <i>EURICO, O PRESBÍTERO</i>...33 | |
| 5 A CONSTRUÇÃO DE EURICO COMO HERÓI ROMÂNTICO NA OBRA <i>EURICO, O PRESBÍTERO</i>..... | 42 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 54 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 56 |

RESUMO

Este estudo apresenta um olhar sobre a obra *Eurico, o Presbítero* do autor português Alexandre Herculano tendo como principal objeto de estudo uma análise da personagem Eurico sob o viés do herói romântico. Nesta narrativa histórica o autor mescla ações ficcionais à passagens reais ocorridas na história, trazendo um contexto histórico rico em suas tradições. Em sua narrativa Herculano narra e registra um conflito histórico entre cristãos e mulçumanos no tempo em que a Península Ibérica fora dominada pelos árabes. Em um ambiente medieval, apresenta um enredo recheado de temas conflitantes como o amor, patriotismo e religiosidade, temáticas responsáveis por nortear e conduzir o ritmo da narrativa, cujo principal ator chama-se Eurico. A análise consistirá em mostrar a construção do jovem Eurico em um valente e misterioso guerreiro que por vias das circunstâncias se constrói e se cristaliza como um herói romântico. Para fazer essa definição exploraremos três vertentes básicas responsáveis por essa formação: o amor, o patriotismo e a religiosidade. Indicaremos dentro da narrativa como a personagem vai se modificando a medida em que as circunstâncias lhe abarcam. Misturando fatos históricos, ferozes batalhas, traições, resgates, mortes e desesperanças, o autor estabelece em Eurico a saga do cavaleiro herói esculpindo pouco a pouco em Eurico a imagem do herói romântico dentro da história. Para referendar essa construção proposta da personagem contaremos com fragmentos retirados da obra com sustentação teórica de diversos autores, que para o desenvolvimento deste estudo foram de fundamental importância, como as contribuições de: Feijó (1984), D'onófrío (2000), Saraiva (2001), Kothe (1987), Moisés (1994), Braga (1984), Franca (1993), Sores (2000) entre outros.

Palavras-chave: Construção, Herói, Eurico.

INTRODUÇÃO

Foi em meados do século XIX por volta do ano de 1844 que o escritor Alexandre Herculano trouxe a público, mas precisamente ao cenário português o que seria sua obra prima, o romance intitulado *Eurico, o Presbítero*. Com essa obra Herculano dava seguimento as suas tendências em formalizar no país o mais novo viés literário, o romance histórico.

Ao fazermos o estudo desta obra perceberemos que o texto tratar-se-á em um dos típicos romances de cavalaria. Que ambientada na Idade Média traz em seu contexto amores proibidos, o celibato, confronto entre cavaleiros, superstições, traições, patriotismo, redenção e a constituição da personagem Eurico como um herói romântico.

Em *Eurico*, Alexandre retrata a sociedade visigótica do século VIII focando no enredo o desenrolar de um conflito histórico entre dois povos. Em meio a isso o autor problematiza certos valores ligados a antagonismos vividos por cristãos e mulçumanos. E no centro de toda essa nebulosa disputa ideológica está a personagem que Herculano translada para viver numa época em que o povo visigodo clamava por esperança e a liberdade de sua nação e de suas crenças. Liberdade essa que para os românticos, como para Herculano era uma das convicções mais sérias e um dos pilares de sustentação do movimento romântico.

Herculano lança então uma esperança ao povo e lhes dá um salvador chamado Eurico, cavaleiro, guerreiro, generoso, fiel, justo e cristão, virtudes que fazem desta personagem uma arma perfeita e indestrutível a favor da justiça e da religião contra os infiéis. Como analisa abaixo o autor:

O romance de cavalaria era gênero literário profundamente ideológico, porque expressava os sonhos e os anseios da coletividade. O herói era visto como o representante dos valores sociais, não vividos mas desejados pelo povo, pois ele lutava pelo triunfo da justiça sobre a violência, do amor puro e sincero contra o egoísmo e falsidade, da religião cristã sobre o opressor mulçumano.(D'ONÓFRIO, 2000, p.279)

D'onófrío sintetiza bem as funções destes cavaleiros heróis e Eurico segue essas mesmas diretrizes, porém com alguns agravantes. Veremos no texto que Eurico tem alma, tem sentimentos e tem um inimigo que não pode vencer, é pessimista e melancólico e se tortura pelo desprezo sofrido após recusa de seus sentimentos por uma mulher. E por essa razão aderirá ao celibato sacerdotal, uma espécie de fuga, resumindo-se em uma atitude ligada à pura estética romântica.

Esse cavaleiro e herói exibido por Herculano e representado por Eurico é como se fosse um espectro de tantos cavaleiros medievais que obedecendo as ordens sagradas defende a fé e o povo a todo custo. Eurico no texto será construído como herói, e como outras personagens heroicas ele é uma dessas ficções que na obra chega a comover e a encantar pela sua obediência. Seu caráter, sua personalidade sua destreza nos fazem refletir sobre determinados aspectos já apagados pela nossa ignorância e egoísmo, mas também nos fazem ver que nem mesmo os heróis são perfeitos.

Eurico nos faz lembrar outros cavaleiros errantes. Os cavaleiros da tábua redonda cuja referência nos remete às lembranças das aventuras do cavaleiro Galaáz, na demanda do santo graal e a do cavaleiro apaixonado Tristão.

Mas ao contrário de outros cavaleiros, Eurico possui as características do homem romântico e por agregar em si esses valores sofre um terrível dilema.

Por se tratar de um romance de cavalaria dentro de uma vertente histórica, Herculano além de narrar um pouco de história verídica entre cristãos e muçumanos tempera essa vertente com um romance. Uma atribulada relação amorosa, que será a responsável pelo encadeamento das ações durante toda narrativa.

Para a realização deste trabalho houve apropriação de algumas obras entre as quais a principal foi o texto integral de Alexandre Herculano *Eurico, o Presbítero*. Reforçando a parte teórica contei com o apoio de outros autores que me ampararam nesta pesquisa fornecendo cruciais informações que estão relacionadas as temáticas discutidas no desenvolvimento deste trabalho que fica estruturado assim:

No primeiro capítulo é feita uma abordagem em relação a discussão teórica, em que trataremos de conceituar o Romantismo como movimento literário e seus principais idealizadores em seus países de origem e em Portugal. Assim como será feita uma breve consideração biográfica sobre a vida e obra do autor português Alexandre Herculano.

No segundo capítulo será discutido sobre o romance histórico, suas características e diferenças para o romance tradicional. E dando seguimento abordaremos em um terceiro capítulo a obra *Eurico, o Presbítero*, analisando sob um aspecto mais estrutural do texto, discutindo personagens, tempo, espaço, narrador e etc...

E, no quarto capítulo defenderemos a análise proposta deste trabalho. Analisaremos a personagem Eurico recorrendo a fragmentos do texto elencando sua construção como herói romântico dentro da respectiva obra.

UM POUCO DE ROMANTISMO

É difícil e porque não dizer intrigante falar do Romantismo, se dirigir a uma abordagem sobre um movimento que se iniciou em uma época muito distante, mas que, apesar dos anos, ainda nos privilegia com uma temática tão contemporânea em nossas vidas. Assim é o Romantismo, cuja certidão de nascimento é uma incógnita aos olhos da história. A verdade é que possuímos e seguimos num largo caminho, em que não se sabe com exatidão o momento preciso em que se acendem os holofotes sobre este fio condutor da esperança, que culminaria na transformação de toda uma geração.

Mas há de se falar, é necessário, se documentar, o que os livros de história imortalizaram. O certo é que a palavra Romantismo em sua origem se define em muitos e diferentes significados. Estas diferenças podemos dizer que são estabelecidas criteriosamente sob as formas de ordem sistematicamente: psicológica, estética, política, social e histórica.

Dentre algumas de suas tendências, falando de Romantismo, percebe-se um apego exacerbado por tradições medievais, folclóricas e históricas. O que podemos considerar vertentes renascidas, que anteriormente foram esquecidas pela literatura clássica. Mas que, neste momento, são reconhecidas e fundamentais ao movimento romântico, devido à valorização submergida pela burguesia, sob um olhar que se dirige principalmente a uma enraizada cultura mergulhada na história nacional. Vejamos o que nos diz este autor;

O romantismo não apenas teve uma importância histórica, como também estava consciente de sua importância. Representou um dos mais decisivos pontos de mutação na história do espírito europeu, e estava plenamente cômico de seu papel histórico. (HAUSER, 1998, pp.663-664)

O Romantismo expressa uma oposição às tendências clássicas, o repúdio às regras e o conformismo. E este recém-surgido pensamento engatinha e dá os primeiros passos devido a manifestações, eclodidas com o fim de cansadas e velhas ideologias absolutistas e feudais. Pilares estes que pareciam ser imunes a qualquer mudança e que agora vêm saindo aos poucos de um cenário totalmente desgastado, por não suportar as alternâncias ocorridas em função dos novos sonhos, que alimentados por revoluções e progresso mudam a razão, e dão uma nova visão e um novo rumo a toda Europa. Segundo Karin Volubuef, sobre estes acontecimentos que se relaciona a este movimento informa:

Ora, não devemos nos esquecer de que o Romantismo foi um movimento literário extremamente vasto e complexo, que defendeu, sim, a liberação dos sentimentos,

das aspirações pessoais, [...] O Romantismo, enfim foi um movimento crítico, rebelde, inquisitivo, revelador. Houve as lágrimas, sem dúvidas, mas também o grito por justiça; houve o gesto retrogrado, mas também a diligência inovadora; houve o espírito voltado para o passado, mas também o olhar em busca do futuro. (VOLUBUEF, 1999, p.12)

Este movimento não teria nascido não fosse a pressão burguesa, não houvessem acontecido tantas situações que religiosamente alteraram a vida e o cotidiano de povos, suas histórias políticas, econômicas, que contribuíram para o avanço do progresso de tantas nações. Como afirma Saraiva:

Nas origens do Romantismo está o progresso econômico, político e social da burguesia, no seu fecho estão as consequências da grande revolução industrial que a partir de 1850 transforma completamente a vida na Europa em menos de meio século. (SARAIVA, 2001, p.655)

Com o desenvolvimento na indústria a todo vapor e em outros setores sociais que se intensificam a partir de 1798, dilatam-se novas perspectivas que iriam conduzir o homem e a sociedade a uma evolução bem significativa para uma progressão artística e científica desta herança. O aperfeiçoamento de algumas invenções e as novas recém-descobertas datadas desta época servem de alimento para um desenvolvimento econômico, social e cultural. Invenções que reconfiguram e afetam principalmente a mão de obra, como a máquina de tear revolucionando a indústria têxtil desde 1733, e o trunfo desta grande revolução: a locomotiva a vapor.

No campo da escrita e no processo de sua evolução atribui-se a um fator de extrema relevância em sua construção, a invenção da imprensa no século XV na Inglaterra por Gutenberg. Mas vejamos, apesar de ser datada desta época foi apenas no século XVIII após aperfeiçoar-se e ganhar novos modelos como a Stanhope, nome de seu criador, que este artefato começa a contribuir em larga escala na produção de livros. Como bem retrata Saraiva, (2001, p.655) contribui inicialmente para o desenvolvimento literário, multiplicando as tiragens angariando novos grupos de leitores, absorvendo, como resultado, construções de grandes bibliotecas principalmente na Inglaterra. É neste país que seus condescendentes ganham interesse pela nova realidade que na Alemanha começa a se estabelecer definitivamente, e que perduraria e se estenderia a outros países até meados do século XIX.

O avanço da sociedade advinda desde a revolução industrial cristaliza este movimento. As condições boas e amenas, extraídas do resultado de uma recém-transformação, encorajam e fazem surgir confiança onde antes não havia. Geração de trabalhos, construções de máquinas e trens, e os grandes acontecimentos geridos pelo

progresso florescem no indivíduo uma nova concepção de vida. Invenção do telégrafo, produção do aço, do carvão e conseqüentemente atrelada a isso, uma formação de uma nova elite social.

A produção literária toma novo fôlego, aparece o estilo romance, um gênero que agrada e se estende a toda população. É na literatura Alemã e Inglesa que se anunciam ainda que camufladamente, as representações literárias do Romantismo e assim, conseqüentemente, manifestações neste mesmo viés artístico literário, entrando em desenvolvimento noutros países. Inglaterra, França e Portugal são os mais representativos, mesmo possuindo causas diferentes que os levaram a sua adesão.

Tem-se no Romantismo alemão como pioneiro, e criador de uma manifestação idealista, que contribuiu para um novo conceito do indivíduo. Desta relação nasce o fertilizante que autentica as ideias românticas, o predecessor do Romantismo, um movimento pré-romântico rebelado contra o classicismo francês, intitulado Sturm Und Drang (Tempestade e Ímpeto), corrente literária de protesto idealizada por intelectuais como Wolfgang Goethe e Friedrich Schiller após a revolução francesa. É o que se confirma com:

O Sturm Und Drang foi, sem dúvida, um grande percussor do Romantismo. A filiação a Rousseau, sobretudo, apresenta-se com características eminentemente românticas. (...) O Sturm und Drang revela-se um antecipador do Romantismo, pois constitui uma etapa decisiva na evolução da cultura germânica a caminho de seu apogeu romântico. (BORNHEIM , 1978, p.82)

O homem neste contexto passa a ser um novo público, já com uma nova consciência. E tal consciência intelectual e literária acaba por ajudar em uma nova relação criando gêneros, novos estilos e estéticas, as que caracterizam o Romantismo. Mas o que foi de fato esta manifestação? Como adianta esta autora:

[...] Quaisquer que hajam sido os seus motivos e características, sejam quais forem as definições que comporte (e inúmeras que tenham sido dadas), o Romantismo foi sobretudo um movimento de liberdade espiritual, primeiro, se lhe remontarmos as últimas origens, filosóficas, literárias e artísticas depois, e ainda social e política. Em arte e literatura seu objetivo foi fazer algo diferente do passado e do existente, e até contra ambos. Excedeu o seu propósito, e em todos os ramos de atividade mental, até nas ciências, foi uma razão contra o espírito clássico, que, embora desnaturado, ainda dominava em todos". (VERISSIMO, apud, VOLUBUEF,1998, p.12)

Como se percebe, o Romantismo que se quer explicar não tem a conotação simplesmente relativa ao ato de dar uma flor, recitar alguns poemas quando estamos enamorados, ou fazer uma gentileza a pessoa amada. Geralmente costuma-se associar esse tipo de comportamento ao Romantismo. Na verdade, este romantismo, mesmo nos tempos mais áridos e bárbaros, existiu e se perpetua até hoje. Mas o Romantismo a que se refere este

preâmbulo e que, apesar de também se relacionar com os sentimentos, foi um movimento literário chamado de Romantismo, e essa escola foi muito além dos meros sentimentos. Este movimento representou os anseios de uma classe, burguesia, e implantou numa turbulenta época ao povo, uma nova forma de ver e de sentir o mundo.

Dos movimentos literários, o Romantismo foi um dos mais fortes a estabelecer um pensamento ideológico e revolucionário direcionado ao homem. De seus demais antecessores, sobressaiu-se fazendo renascer dentro do indivíduo novas características unidas a distintas transformações ideológicas e históricas que surgem a partir das mudanças oriundas e fragmentadas de uma nova compreensão da vida. E Hauser, (1998, p.666) acrescenta:

Sem a consciência histórica do romantismo, sem o questionamento constante do presente, pelo qual o pensamento dos românticos era dominado, todo o historicismo do século XIX e uma das mais profundas revoluções na história do espírito humano teriam sido inconcebíveis.

No movimento romântico vimos o retrato, em que aparece um sujeito condicionado a novas transformações diante de uma nova realidade. Cria um indivíduo repleto de novas ideias, que transgride e sobrepõem-se as ideias de um período árcade já quase em colapso. Estas recentes e inovadoras concepções de vida refazem o homem, transformando-o em um ser repleto de atributos, um homem mais seguro, cadenciado a rebeldia, com pitadas de sensibilidade, revolucionário, porém, às vezes, um homem frágil emocionalmente e indeciso, antissocial e espiritualmente problemático.

Contextualmente, o período do Romantismo foi o resultado de muitas transformações que ocorriam já no século XVIII. Certos fatores vieram a contribuir para essas mudanças como: revoltas sociais, produção de trabalho, associações de trabalhadores, criação de sindicatos e o descontentamento popular, são algumas delas. Como afirma Cereja (1999, p.14): “O Romantismo é a expressão cultural de uma época de transformações e rupturas, de lutas e incertezas, por isso, nele convém tendências ou aspectos variados e contraditórios”.

As influências do Romantismo neste momento fazem com que o homem amanheça com um novo pensamento, mas ainda permaneça preso às lembranças do passado. Mesmo assim, aposta e direciona seu olhar numa visão mais futurista. Critérios estes que se compõem de uma esperança determinista, justamente por ter características idealistas e nacionalistas, dando importância a aspectos como a sensibilidade e a espiritualidade humana. Sob esse olhar, vem a fornecer às produções literárias no período romântico e a seus artistas uma temática, perseguida e explorada devido às inspirações que por eles eram captadas e que

eram fornecidas principalmente de temas extraídos e atribuídos a Idade Média. Como fundamenta este autor:

A Idade Média torna-se, para eles, fonte inspiradora, quer revisitada nas narrativas históricas, quer recuperada sob a imagem da modernidade. É nela também que eles encontram o paradigma da religiosidade que permeará muitos de seus escritos, como também as raízes de sua nacionalidade. (MOISÉS, 1994, p.23)

Mesmo não se sabendo a exatidão de sua origem, especula-se que seu nascimento data-se do século XVIII. Como estabelece Citelli (2002:6) “O Romantismo (...) pode ser datado, ou pelo menos delimitado, a um período que vai aproximadamente entre o final do século XVIII e meados do século XIX”. Enquanto movimento literário e histórico, o Romantismo tem como berço Alemanha e Inglaterra, onde começa a desenvolver-se, expandindo-se mais tarde para países como França, Portugal e toda Europa. Coube a França, a partir da publicação em 1824 de *Discours sur le romantisme*, por Louis Auger os termos romântico e romantismo. Como define Massaud Moisés (1994:20) “passam a ser utilizados para designar o novo movimento literário”.

O período do Romantismo surge de uma necessidade, de uma ânsia e de uma insatisfação com os padrões existentes. Os séculos XVIII e XIX aos quais se estendeu este movimento em suas três gerações criam uma nova concepção da vida, ocasionando alterações sociais. Considera-se a revolução francesa e a independência americana como suas tábuas de inspiração. Românticos como William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge, George Gordon (Lorde Byron) entre outros, são alguns artistas românticos aderentes deste período de perplexas mudanças e de grande perturbação.

Fazendo oposição às ideias neoclassicistas, o Romantismo aparece e se concretiza como ruptura aos modelos ideológicos estabelecidos. Defende a liberdade, expressando-se contra qualquer forma de absolutismo imposto e é favorável a aspectos como a religião, a ascensão da burguesia e a livre expressão artística. Como afirma este autor:

Enquanto movimento histórico, o Romantismo surgiu na Alemanha e na Inglaterra, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, em defesa da liberdade de sentir, de viver e de expressar, apregoando a derrocada de qualquer forma de absolutismo: Político, contra o imperialismo e a favor dos regimes constitucionais; Religioso, contra o dogmatismo e a favor de uma religião mais sentida e mais natural; Social, contra a prepotência das classes dominantes e a favor das aspirações da nascente classe burguesa; estético, contra as regras do classicismo e a favor de uma total liberdade de expressão artística. (D’ONOFRIO, 2000, p.327)

Como visto, o Romantismo traz contribuições e características que servem para redefinir uma postura intrínseca à vida e ao comportamento humano. Os anseios libertários e

o escapismo, algo bem recorrente ao artista romântico, ao lado do subjetivismo, o maravilhoso, a solidão, a fé, o retorno ao passado, o sentimentalismo, a idealização da mulher, são alguns atributos que delegam obras que possuem raízes internas neste prisma literário.

Esteticamente, o Romantismo apresenta marcas extremamente fortes. O pessimismo, subjetivismo, além de uma forte presença da natureza. Na arte romântica existe uma profunda valorização do homem destacando-se a idealização do herói romântico, com suas incomparáveis qualidades. Surge também o interesse e a valorização dos artistas românticos pela natureza. De acordo com Moisés (1994:21) “A natureza torna-se então, para ele, o espaço sagrado de onde advém toda inspiração poética”. Filosoficamente a vida do homem romântico é caracterizada por aspectos relativamente contraditórios.

Em conflito entre um ideal inacessível e o real, acaba procurando sem medir as consequências, uma saída para seus infortúnios. Geralmente o homem romântico se ampara em seus ideais e encontra fuga para si na solidão, na luta ou na morte para modificar a sua realidade. Por esta perspectiva vejamos o que Benedito Nunes comenta sobre tal afirmação;

[...] As matizes filosóficas da visão romântica, que legitimam, dentro de uma nova constelação de princípios a originalidade e o entusiasmo, são caráter transcendente do sujeito humano e o caráter espiritual da realidade, que quebram a uniformidade da razão e conseqüentemente forma de individualismo racionalista ao mesmo tempo em que a concepção mecânica da natureza. (NUNES, 1978, p.57)

Pois o Romantismo foi assim, complexo, enigmático, com muitos membros, e que não se limitou a meras questões sociais ou políticas. Este movimento literário apenas disseminou uma nova concepção, que, movida por ideias revolucionárias, plantou uma semente da esperança, trilhou um caminho não explorado, o que permitiu ao homem, ser social e político, uma direção, que atrelada ao liberalismo se configurou em uma autêntica mudança individual e coletiva.

Este recém-modo de pensar nos revela uma grande sublimidade de afetos. O que é característico e inovador de uma ideia a ser estabelecida em um contexto, onde sofrera influência e ergueu-se seguidas de grandes revoluções, como a francesa e resquícios de uma industrial capitalista. Como ratifica Fabel, (1978, p.24), “O período do Romantismo é fruto de grandes acontecimentos na história da humanidade, ou seja, a Revolução Francesa e suas derivações, e a Revolução Industrial”.

O Romantismo com suas formas e estéticas remodelou o passado, trazendo ao presente um novo conceito às retrógradas concepções existentes e atuais da época. O que se

compreende é que há que se considerar não só o estilo sensível e inerente ao homem, mas também uma passagem contextual e histórica, o que datou as épocas e que faz perdurar este movimento numa grande mudança, que sistematicamente está ligada a uma visão referenciada como romântica, que também é psicológica e histórica. Como referenda o autor:

[...] a visão romântica do mundo, que se desenvolveu nos prodromos das mudanças estruturais da sociedade europeia, concomitantes ao surgimento do capitalismo, é por certo uma visão de época, condicionada que foi a um contexto sócio histórico e cultural determinado, que possibilitou a ascendência a forma conflitiva de sensibilidade enquanto comportamento espiritual definido. (NUNES, 1978, p.52)

Este autor faz considerações consistentes sobre uma visão romântica. Delimitando alguns aspectos e produtos, que fizeram parte das transfigurações ocorridas neste período, sejam elas históricas psicológicas ou sociais. Transformações justamente configuradas pelas ideias recém-surgidas e que se destacou adaptando-se como luva ao romantismo. Ou seja, as mudanças advindas da industrialização, além de uma divisão da produção da arte, e de uma nova ideologia religiosa que foi estabelecida aos poucos por reviravoltas a moral, sexual e individual. Então, a visão romântica por esta ótica recai como um choque aos moldes tradicionais preestabelecidos. Como destaca Nunes:

[...] Contudo as diretrizes da visão romântica, que individualmente assimilam, pela dinâmica dos eventos políticos, o entrechoque dos modelos tradicionais de vida com novos padrões sociais, não podem ser reduzidos a uma função ideológica reflexa (IBDEM, 1978, p.52).

A visão romântica em toda sua extensão se reduz a um sinônimo de interioridade, espiritualidade e liberdade sincretizadas ao eu. O interior transcendendo o exterior. O Eu aparece como a figura do gênio. O que podemos relacionar com o nascimento da figura do herói nacional, o nacionalismo propriamente dito e a imagem reluzente de um salvador, ligados à emoção, à ética, moral e à religião. E é o que percebemos com grande ênfase no romance *Eurico, o Presbítero* do português Alexandre Herculano, onde se constrói no seu enredo a aparição deste protagonista, o herói romântico.

O movimento romântico seja ele o rebento de alguma revolução, ou um remanescente modo de pensar, certo é que, sem dúvida, em sua essência, se fundamentou em um idealismo, provocando ao homem um novo sentido de viver e de refletir sobre a vida. Em outras palavras, é o que se confirma com Hauser:

O romantismo era a ideologia da nova sociedade e a expressão da visão de mundo de uma geração que deixara de acreditar em valores absolutos, que não podia continuar acreditando em valor algum sem pensar em sua relatividade e limitações históricas. (HAUSER, 1998, p.671)

Após a difusão destes ideais, através de renomados intelectuais; ingleses, alemães, franceses e portugueses, o Romantismo ganha força e espalha-se. Estes mesmos ideais são inseridos e divulgados dentro das artes. Tendo como pano de fundo a pintura, que expressava em suas fortes camadas de tintas e contornos a valorização das emoções, rabiscada com problemas sociais, o trágico e o sofrimento, problematizando o conflito e o destino humano. E os ícones dessa arte são: Francisco Goya e Eugene Delacroix. Como afirma o referido autor:

Trata-se do Romantismo artístico agudamente passional que tivera uma forma predecessora na obra contundente de Goya e nestas novas gerações se exalta em novas pulsações heroicas, em novas visões dramáticas da existência: um romantismo que se inflama no encontro com a responsabilidade do viver. Na linha de frente desse romantismo explosivo aparecem Theodore Géricault e mais ainda Delacroix, artistas que depositam uma convicção absoluta na importância da originalidade. (ZANINI, 1978, p.199)

Na música erudita também há o rompimento, agora passa a carregar-se de emoções, juntamente com o teatro que também foram palcos que sustentaram e fomentaram as matizes destes ideais, assim como na Literatura, que não poderia seguir e ter um olhar diferente. Houve diversos representantes hoje consagrados, que com suas obras deram um segmento e um teor, cujo alicerce para o desenvolvimento desta manifestação artística foi às bases dos ideais românticos.

O mundo jamais seria o mesmo, aos olhos da história, após os “Romantismos”, isso porque houvera muitos. Tantas revoluções, progressos e esperanças foram acólitos fieis ao longo de toda jornada em que se configurou, do início ao fim, esta escola literária. Como bem lembra esta autora:

Como tal, não foi dogmático nem restritivo, não especificou nem determinou diretrizes. Como resultado, não houve um romantismo, mais inúmeros. O que o identifica e o distingue não é um ideário fixo e imutável, mas simplesmente o desejo de realizar algo novo, diferente, original- algo diverso de tudo o que já existe. Neste sentido, não apenas cada indivíduo procurou em si mesmo o gérmen daquilo que poderia criar, como também cada nação que acolheu o espírito romântico seguiu um caminho próprio. (VOLUBUEF, 1999, p.13)

Eram países, pessoas, climas, idiomas, culturas e às vezes causas diferentes, porém na essência um único viés de pensamento, assim foi o enigmático Romantismo. Que para o homem, determinou a mais pura liberdade, pouca experimentada até então e para a história representou um consenso de realizações: materiais, espirituais, ideológicas e artísticas.

O ROMANTISMO EM PORTUGAL

Em Portugal, como nos países onde teve origem este movimento chamado de Romantismo, seu curso segue os mesmos moldes, respeitando as condições e a realidade social da nação. O Romantismo, em outros países já em pleno desenvolvimento atraca em Portugal na data de 1825 com a publicação do poema *Camões* na cidade das luzes, Paris, cujo autor foi o português e também poeta Almeida Garrett. Mas este movimento não acontece simplesmente ao acaso. É necessário estabelecer um paralelo entre a literatura, história e o que acontecia no velho mundo, para então, só assim, associarmos o palco português a esse movimento.

Pode-se dizer que o Romantismo em Portugal tem sua origem das chispas do exílio, pois foi através do desterro de Almeida Garrett, exilado na Inglaterra, que tudo começa. Para Moisés (1960) “Em 1823 Garrett exila-se na Inglaterra, onde trava contato com a obra de Byron e de Walter Scott, e, portanto com o Romantismo Inglês, empenha-se no teatro de Shakspeare”. Aos emigrados como ele, separados de sua terra natal, brota o sentimento de revolta, que o diga Alexandre Herculano que também submeteu-se a essa triste página da história de Portugal. A insatisfação é generalizada e aos poucos alimentam-lhes a alma.

Alemanha e Inglaterra, países que criaram o Romantismo, já produziam nas artes e na literatura a implementação de novas ideias e conceitos característicos relacionados às mudanças que ocorriam em seu meio social. E em Portugal como nestes países aconteciam semelhantes mudanças. Apreciavam os mesmos objetivos que refletiam o desejo de uma classe, por buscar respirar novos ares e reativar o nacionalismo ao povo. Dentre os objetivos a seguir, segundo Franca, (1993, p.95) “Mais do que uma lição cívica e cristã, o Romantismo português pretendia, porém, dar uma lição de nacionalismo”.

Portugal vivia em pleno século XVIII em meio a crises sociais e políticas. A ameaça de invasões no país por Napoleão, talvez fosse o menor dos problemas. A crise espalhava-se em todos os setores da sociedade, a classe burguesa combatia os detentores de bens feudais e atrás de tudo isso havia a explosão industrial.

Com toda essa reviravolta que acontecia no país, além de prejuízos advindos da perda da exportação da principal colônia, Portugal para Brasil, o traslado da família real em

1808 para a mesma colônia e as disputas políticas pela coroa entre D. Miguel e D. Pedro, gerando conflitos civis, fazem com que de vez se estabeleça o caos. E com toda essa calamidade social instaurada em todo país, danificando sua estrutura a todos os níveis, o resultado não poderia ser diferente. Com os nervos a flor da pele, revolta-se toda uma classe, que, descontente com a situação, adere às ideias do recém chamado movimento Romântico.

Partindo do princípio de que o trabalho é a base de todas as riquezas, inicia-se uma nova legislação sobre o país, priorizando a liberdade sobre o trabalho, a terra e a livre circulação de mercadorias como também a liberdade do indivíduo.

Mistificado pelos ideais da revolução francesa, setores de diferentes classes sociais portuguesas unem-se a uma causa, levantam-se em defesa da liberdade do povo, incitando as transformações que objetivava uma remodelação política e cultural do país. E unindo-se a essa confraternização literária e sentindo-se refém e acuado, Portugal rompe com o passado.

Essa ruptura faz referência a uma indignação, corrigindo assim as injustiças e omissões cometidas pelo período classicista, revalorizando religião, época e o próprio indivíduo. E em consequência disso, e identificado com o liberalismo burguês e a um espírito de luta, o país adere de vez ao Romantismo. Abolindo-se o tradicional e dando início a uma sociedade mais justa e mais moderna.

Liberdade, igualdade e fraternidade para todos são o que ecoa no país, em busca de novas mudanças, novas ideologias que muito antes começara aos poucos nascer, e a se formar na mentalidade de cada um. Vejamos:

É dentro dessa conturbada atmosfera que se deve compreender o aparecimento do Romantismo, expressão literária do recém-inaugurado ciclo ideológico. Enquadrado em momento tão crítico para a história de Portugal, entende-se que a aceitação da reforma romântica não foi pronta nem calorosa: Só a acalmia trazida pela regeneração permitirá o florescimento do ideário romântico entre os letrados portugueses. (MOISÉS, 1960, p.112)

Dessa situação, Portugal de vez acolhe o Romantismo. E em paralelo a essas considerações e todo um contexto por trás dessas recentes mudanças que ocorriam em Portugal, este foco literário vem para mostrar outra realidade a uma nova sociedade ideológica que surge. E esta sociedade ampara-se nos pilares de uma nova esperança, de um novo modelo de vida, não individual, mas coletivo em prol de toda uma geração.

Na literatura portuguesa surgiram alguns, mas destacaremos dois personagens que bastante contribuíram para a dilatação destes ideais ventilados ao povo. Almeida Garrett e Alexandre Herculano foram os mais célebres e importantes a difundirem com suas colaborações escritas para a propagação do ideal romântico. E dessa forma assumem uma responsabilidade e um compromisso ideológico com o país, principalmente Herculano, que mais do que Garrett, colabora mais para a cristalização dessa nova mentalidade, cujo esforço e objetivo eram aplicar a uma sociedade medidas mais justas e igualitárias para todos.

No campo das artes e na literatura portuguesa conforme Saraiva, (2001, p.655) os gêneros mais característicos da nova literatura são os romances e dramas históricos, influências trazidas por Walter Scott e Victor Hugo.

Em Portugal, o Romantismo seguiu as mesmas diretrizes e padrões adotados pelos ideais românticos. Esses ideais foram introduzidos basicamente de inspirações vindas já de outros países, cujas contribuições maiores partiram da Inglaterra, França e Alemanha. Há quem diga que no Romantismo português, de todos os países percussores, foi a Alemanha seu maior espelho. Como nos lembra Franca, (1993, p.95) “Podemos afirmar que no conjunto, os portugueses foram iniciados no Romantismo pelos alemães: é a escola de Alcipe, frequentada por Herculano”.

Em Portugal não foi diferente dos outros países que aderiram ao movimento romântico. Foi uma esfera necessária a sua época, e a seu estado de espírito que envolvia o circuito e o processo de sua evolução social. Cujas consequências dessa adesão se convém a fatos históricos que de certa maneira remodelaram o curso cultural, político, social, intelectual e histórico do país.

O AUTOR

Havia em Portugal um homem que era ouvido como um oráculo; Herculano era homem considerado como uma consciência inquebrantável, e a sua voz acostumada a energia do protesto, quando se pronunciava fortalecia-se com o assentamento dos espíritos. Nunca ninguém exerceu um poder tão grande, na forma a mais espontaneamente reconhecida; as opiniões entregavam-se a sua afirmação, como um povo se entrega a um salvador. Tinha o poder espiritual sobre a nação. (BRAGA, 1984, pp.223-224)

O texto que abre este capítulo é o que podemos considerar no mínimo uma elegante e justa homenagem do também escritor, Teófilo Braga, que faz aqui uma definição direcionada a quem não conhece quem foi Alexandre Herculano. Tem-se aqui uma noção, ainda que pessoal, mas nos serve para descrever quem foi esta personalidade, o que ele representou em vida, e o que ainda reflete na memória e na história de um povo e de uma nação. Portugal, culturalmente não seria o mesmo após o mês de março do ano 1810.

Pertencendo a uma família de origem simples, Alexandre Herculano de Carvalho Araújo, nasceu em Portugal na cidade de Lisboa em 28 de março de 1810. Filho do então funcionário público, Teodoro Candido de Araújo, e tendo como genitora, Maria do Carmo de São Boaventura.

O futuro escritor como a maioria das grandes personalidades históricas nasce em uma época de grande turbulência. Portugal nesta época atravessa um período social e político bastante conturbado pelo que acontecia interna e externamente no país. As ameaças de invasões francesas, o surto de ideias liberais como as influências transladadas da Inglaterra e da França são alguns exemplos que podemos citar como incitadores de uma crise que insiste a se estabelecer no solo português. As mazelas em todos os níveis, corrupção, cobiça pelo poder entre partidos antagônicos, formam o retrato grotesco de uma sociedade abalada, temerosa, e com poucas perspectivas futuras. Esses e outros acontecimentos sem dúvida marcaram a infância de Herculano e o fizeram identificar-se com as causas nacionais desde sua adolescência.

Impossibilitado de seguir seus estudos por problemas familiares, que incluíam cegueira e morte do pai, desvia-se de seus objetivos mais precisos, os estudos universitários, mas, ainda sim, se dedica com afinco aos estudos das línguas, Inglesa, Francesa e Alemã, de

onde porventura absorve influências que o ajudariam a definir um perfil de sua vasta obra literária. Parte de seus estudos iniciais é adquirida em escolas de padres (oratorianos), tempos depois numa outra etapa de sua existência frequenta a Academia da Marinha Real objetivando os assuntos diplomáticos.

Alexandre Herculano seguiu carreira de diplomata, jornalista, bibliotecário, escritor e poeta, desempenhando para a sociedade portuguesa todos esses ofícios com maestria e dedicação. Para Portugal foi um dos mais notáveis representantes da literatura e do Romantismo Português. Assim nos diz José Augusto Franca:

Herculano serviu esta sociedade com forma metódica e desinteressada que convinha ao seu temperamento, e dos quadros “históricos” resolveu passar a história, ciência que iria criar no País, continuando o trabalho dos monges eruditos que ele próprio, soldado de D. Pedro, tinha ajudado a expulsar. (FRANCA, 1993, p.134)

Mesmo que historicamente tenha se dado a Almeida Garret o mérito de precursor desse movimento em 1825 com a publicação do poema *Camões*, em Paris, ainda há dúvidas, sendo inclusive cogitado por um pesquisador, que foi com Alexandre Herculano, em 1836, com a publicação do poema *A Voz do Profeta*, que realmente tenha se iniciado esse seguimento literário neste país. Confirmemos o que diz Antônio José Saraiva:

É preferível marcar o início do Romantismo em Portugal no ano de 1836, em que se publica *A Voz do Profeta*, de Herculano, seguindo o modelo das *Paroles d' un Croyant* de Lamennais; em que os *Ciúmes do Bardo* e a *Noite do Castelo* de Castilho, que não passam de pastiches românticos que denunciam o triunfo entre nós do novo gosto literário. (SARAIVA, 2001, p.655)

Este poeta vive altos e baixos ao longo de sua vida. Ainda adolescente absorve as ideias do também poeta Antônio Feliciano de Castilho, e também adota influências de escritores como Schiller, Friedrich Klopstock, François Rene de Chateaubriand e Lamartine.

Participante ativo da vida social e política de seu país, e descontente com o governo de D. Miguel I, em 1831, aos 21 anos, envolve-se em uma revolta militar que o obriga, após o fracasso dos revoltosos, a emigrar para Inglaterra, e posteriormente para a França. A emigração de Herculano transfigurou sua inteligência fazendo com que nascesse um novo homem.

É neste país, que entra em contato com a biblioteca de Rennes e com muitos autores, adquirindo através de estudos e de extensas leituras, uma nova concepção literária que traria influências que lhe dariam suporte a toda sua obra. É na França que o poeta escreve seus principais poemas. Nesta passagem de sua vida, Augustin Thierry, François Pierre

Guillaume Guizot, Victor Ugo e Lamennais, foram de certa forma os seus incentivadores e o que lhe fez compreender novas e diferentes ideologias.

Herculano, como militar e assumindo tendências patrióticas regressa em uma expedição a sua pátria mãe Portugal em 1832. Ele, instigado por ideologias revolucionárias contribui e participa ativamente na reforma cultural do país. É no ano de 1836 que o jovem escritor ganha espaço e inicia de vez sua vida literária com a publicação do poema *A Voz do Profeta*, na cidade de Lisboa, poema este que traz em seu interior um caráter de cunho crítico, em protesto aos que eram os atuais governantes. É a partir daí que inicia uma carreira bastante produtiva em suas criações literárias, como afirma Franca, (1993, p.127), “A carreira literária e ideológica de Herculano começa aí”. O que incluía inclusive as muitas narrativas históricas e românticas.

Por outro olhar, pode-se perceber que na narrativa de Herculano, denota-se visivelmente uma preocupação pela história. Alexandre Herculano tinha como propósito chegar a uma tendência para que se pudesse entender a história de forma romântica, que inclui e insere neste contexto a erudição, a lenda, a filosofia, o folclore e a religião. E esta narrativa introduzida em Portugal pelo escritor foi um dos marcos iniciais que serviu para o desenvolvimento da prosa de ficção no país. Herculano tinha como preferências para suas novelas e romances o cenário da Idade Média, e isso se devia ao fato de se estabelecer, e acreditar que as origens das raízes do povo português estavam nesta época.

Na área política, este personagem possuía vertente conservadora. Chega a ocupar o pleito de deputado em 1840, e desiste em 1841 quando se decepciona com o cenário político existente em terras portuguesas. Abandona-a temporariamente e só retorna para colaborar na formação de um novo governo. Mais tarde, participaria da fundação do partido progressista, além de ter direta participação na elaboração de um código civil português em que se debate a situação do casamento civil.

Este Poeta foi um destes homens participativos na vida política, social e cultural de seu país. Possuidor de um caráter efervescente, envolvia-se em assuntos polêmicos e era ferrenho opositor dos desmandos sociais. Extremamente fiel aos seus propósitos e leal as suas ideologias, foi altivo e diferenciado no que condiz a história política, social e literária de Portugal. Como discorre este autor:

Porventura o melhor representante em Portugal do tipo de escritor sintonizado com a grande massa do público, dando expressão a aspirações coletivas, sentindo-se

condutor da opinião pública e evidenciando essa posição no seu estilo, altissonante e profético, é Herculano no conjunto da sua obra. (SARAIVA, 2001, p.666)

Como intelectual e romancista implantou em Portugal um novo foco literário, gênero que já havia sido difundido, era por ele admirado, e já estava consagrado com Walter Scott e Vitor Ugo. Conforme Franca:

Para Herculano, Walter Scott constitui uma fonte profunda: era ele o inspirador da sua missão de romancista histórico. O escritor fala pouco dele, mas Scott está presente no seu espírito como um paradigma da literatura que ele próprio criou em Portugal. (FRANCA, 1995, p.95)

Tendo a posse de várias pesquisas, dados históricos, unidos a sua afinidade como historiador, colhe essas ideias e introduz na literatura portuguesa o gênero romance histórico, iniciando de vez o crescimento do romance, em típicas novelas de cavalaria bucolistas, e sentimentais, em sua maioria publicadas na *Revista Panorama* lugar em que Herculano ocupava o cargo de redator.

Romances como *O Bobo*, 1843; *O Monge de Cister*, 1848; *Eurico* e *O Pároco da Aldeia*, 1844; *Lendas e Narrativas*, 1839; foram obras deste cânone que no conjunto identificam-se pelas características românticas. É comum que nestas narrativas encontrem-se temas associados às questões religiosas, resignando ao protagonista um conflito entre o sagrado e o profano, o nacionalismo exacerbado e o conflito do homem consigo mesmo.

Suas maiores contribuições para a literatura portuguesa como e historiador foram: *A História de Portugal 1846 a 1850* e *A História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal 1853 a 1859*.

Alexandre Herculano associava como características em seus romances o culto ao cavalleiresco e o seu gosto pela concepção histórica, que em alguns de seus romances é contemplada pelo cenário da Idade Média portuguesa, destacando-se o romance, *Eurico, o Presbítero*, publicado em 1844. Como outros autores portugueses, ressoa em suas linhas o regresso às raízes nacionais. Conforme discorre este autor:

Herculano deixou uma produção romanesca, de cunho histórico, relativamente extensa. Além dos dois romances que compões o *Monasticon- Eurico, o Presbítero* e *O Monge de Cister*- temos ainda os contos, publicados em *Lendas e Narrativas*- “O Alcaide de Santarém”, “Arras por Foro d’Espanha”, “O Castelo de Faria”, “A Abobada”, “A Dama Pé-de-cabra”, “O Bispo Negro” e “A Morte do Lidador”, além de algumas narrativas dispersas. (OLIVEIRA, 2000, p.134)

Apesar de a presença da religiosidade ser uma constante em seus romances, Herculano de certa forma se abstinha, não era avesso ao catolicismo, mas foi crítico cruel do clero em Portugal. Foi um ícone em sua época, respeitado por todas as classes. Revolucionário, idealizador de ideias à frente de seu tempo, foi para literatura portuguesa a engrenagem sustentadora de uma época bem convulsiva. Abraçou gêneros como Poesia, Romance e História. Polêmico, mas sempre sustentado pela razão e pelo que acreditava, viveu intensamente.

A obra de Herculano reflete-lhe o temperamento e o caráter: manteve-se imperturbável na posição de homem que apenas se julga convicto das ideias que defende depois de longa e cuidadosa meditação. (MOISÉS, 1960, p.135)

Próximo de seu final de vida, Herculano dedica-se a uma de suas paixões: a agricultura. Já quase sexagenário contrai união com uma pretendente de nome Mariana Hermínia de Meira, paixão dos tempos de juventude, a qual abandonara alegando incompatibilidade entre matrimônio e literatura.

O casal reclusa-se em sua quinta no Vale dos Lobos, em Santarém, adquirida com seus esforços e ganhos com sua obra literária. E na vida, passando e vencendo os muitos percalços, se vê finalmente bem reconhecido e prestigiado em seu país. Mas, apesar do reconhecimento, o poeta ignorou comendas designadas a ele, e sua morte em 1877, após contrair uma pneumonia, choca e traz comoção a toda nação. Como noticia Teófilo Braga:

A notícia de sua morte causou uma impressão imensa; todas as celebridades do mundo oficial se dirigiram a Santarém, para irem ao cemitério do Azoia acompanhar o último despojo do homem que em Portugal foi o mais admirado. (BRAGA, 1984, p.408)

Portanto vai-se o crítico, o poeta, e o representante de um tempo, em que sonhar e ter esperanças, era o primordial para se viver. Morre e esvai-se o homem, mas fica o legado do historiador, suas poesias, contos e romances para então nascer e perpetuar-se na memória de uma nação a construção de um novo mito.

O ROMANCE E ROMANCE HISTÓRICO

Tão difícil como explicar a origem do Romantismo é também discutir o aparecimento do romance. Mas se de um lado, o Romantismo nas páginas impressas na história apresenta uma indecisão para sua definição, com o romance histórico foi diferente. Paralelo ao romantismo, surgindo em uma mesma época, pode-se considerar este tipo narrativo, como a mais nova veia literária e uma espécie de cria do romantismo que a tantos seduziu e cativou a partir do século XVIII.

O romance histórico foi para a Europa uma espécie de válvula de escape, uma interação entre homem e o contato com as raízes de sua história. Por esta razão talvez, se tenha lhe assegurado esta identidade, de romance do povo, ou romance histórico. O que se percebe é que, esse tentáculo do romantismo se alastrou como erva daninha, e se infiltrou nos salões e bibliotecas já definitivamente no século XVIII e XIX. Como bem observa Hauser:

O Romance, que apesar de sua popularidade representa uma forma inferior e, em alguns aspectos, ainda retrógrada no século XVII, torna-se o principal gênero literário no século XVIII, ao qual pertencem não só as mais importantes obras literárias, mas no qual têm lugar os mais importantes e autênticos desenvolvimentos literários. O século XVIII é a era do romance, se não por outra razão, por ser uma era da psicologia. (HAUSER, 1998, p.522)

Mas, recordemos então que antes dessa formatação que se estampou ao novo estilo de romance, também já existia em países como França e Alemanha o romance, diríamos tradicional, que abarcava, os épicos, e a prosa de ficção, todos oriundos de narrativa horais, que de certo modo já perfilavam-se dentro dos anais da burguesia. E à frente desta corrente literária destacam-se os romances picarescos e de costumes, literatura de viagens, novelas de amor e contos medievais, que, sem dúvida, principiaram com suas influências a moldura para a criação do Romance Histórico. Agora, para que não ofusquemos nossa compreensão sobre essa temática, devemos esclarecer as diferenças que permeiam o romance, diferenciando-o do romance histórico. Pois, se o romance histórico nasce das chamas do Romantismo, o romance dito tradicional tem variadas fontes. Em referência ao velho estilo de romance, a autora Karin Volubuef esclarece:

O romance como gênero não é criação do romantismo. Pelo contrário, seu alvorecer data de vários séculos antes, quer vejamos seus primórdios nos versos épicos (...) quer consideremos seu nascimento estritamente limitado ao aparecimento das narrativas em prosa. (VOLUBUEF, 1999, p.42).

Sendo assim, compreendemos que o romance já era podemos dizer milenar, e era considerado um gênero maleável possuindo um hibridismo no qual concebia e agregava valores e conhecimento no âmbito da ciência, filosofia, fantasia, natureza e humor. O que conferia a seus enredos particularmente uma vasta flexibilidade em suas formas e estilos.

Na Inglaterra o romance não tradicional, mas o histórico nasce e se ancora no século XVIII, transportando na bagagem as contribuições dos gêneros de romances já elencados, principalmente dos que obedecem aos moldes franceses. E esta apropriação pressupõe em um aprimoramento das antigas formas romanescas que adicionados a alguns requisitos históricos sociais colaboram para uma transformação de um novo modelo de narrativa, um romance voltado a se documentar acontecimentos do passado.

E este viés narrativo além de ter sido bem acolhido, obteve grande sucesso em seu processo de desenvolvimento no país. Formando leitores e informando história, contribuiu consideravelmente para cultura literária inglesa.

Oriundo de uma perspectiva formalista, sendo extraída de gêneros e subgêneros, ou de uma perspectiva historicista, o que se atribui ao desenvolvimento do romance mudanças sociais, políticas e econômicas, (VASCONCELOS, 2002, p.12) o certo é que, o romance inglês se concretiza também como uma ruptura. Descendendo-se de outras matrizes este segue seu caminho, constrói-se cadenciadamente nos padrões históricos que o amadurecem, e aos poucos modela-se adquirindo formas, dando origem ao que seria o novo gosto do leitor do século XVIII.

Um dado relevante sobre o romance e que não se deve condenar ao esquecimento é o fato de que apenas as criações, publicações dos mesmos não seriam suficientes para todo o seu desenvolvimento. Se sua aceitação perpetuou-se gradativamente no mercado leitor, deve-se grande parte desse sucesso a mulher, ao mercado leitor feminino. É necessário se fazer justiça neste momento a uma ala bem representativa que muito fortificou e, convenhamos, ajudou para divulgação e cristalização deste viés literário. É o que se confirma com esta autora quando diz:

[...] Dele fizeram parte as mulheres que, apesar dos constrangimentos históricos a que estavam submetidas, assumiram importância capital como leitoras e como produtoras de ficção, pois não só ajudaram na disseminação do hábito de leitura, como consumidoras de romance, mas também exerceram grande influência como alvo preferencial de muitos romancistas de então.(VASCONCELOS, 2002, p.7)

A autora dá ênfase à participação da mulher que foi fundamental não apenas como leitoras, mas também como propagadoras das leituras românticas. Foram essas personagens que mais divulgaram, contribuindo para que de fato, os enredos românticos se estabelecessem de vez na sociedade do século XVIII. Vivendo em um tempo em que seus deveres eram ser mães e donas de casa, e o direito era se sentenciar a um vazio absoluto de ignorância intelectual, eis que surgem, porque não dizer como heroínas, que dão uma nova fonte de energia, às vezes lendo, outras divulgando ou até mesmo participando diretamente da produção literária. Como as escritoras inglesas, Aphra Behn e Eliza Haywood.

Se os romances catalogados como populares, já circulavam em toda Europa a exemplo dos romances de cavalaria, pastoril, sentimentais, góticos e picarescos, que desfilavam no mercado leitor desde o século XVII, o que então se inseriu de diferente no romance que o tornou histórico que o transformou em atrativo tão receptível a todos, aumentando sua demanda e o número relativo de leitores? Como pondera Saraiva, (2001, p.655) “O desenvolvimento do romance, o gênero mais adequado ao novo público, alcança uma população vasta e dispersa, constitui um dos principais sintomas desta transformação”. Atribui-se à fala deste pesquisador, e por ela pode-se interpretar que, o romance ou novela histórica denomina-se assim por possuir um papel valioso na reconstrução do passado, pois o romancista seguindo esse raciocínio, em suas obras defendia a importância das ideias, cor, local, vida e história de sua gente, ocasionando um interesse do leitor pela leitura dessas obras. E como ratifica este autor:

Pois é um público novo que lê esses romances e novelas. Não são mais os diletantes aristocráticos do século XVII. É o novo público burguês que surgiu com a abolição do Ancien Régime pela Revolução francesa, um público menos exigente que não se preocupa com teorias literárias nem com vanguardas poéticas e muito menos com exaltações místicas. (CARPEAUX, apud GUINSBURG, 1978, p.161)

O que não se pode negar é que havia o interesse, o gosto pela leitura e o aumento de escritores e obras que consideravelmente se duplicavam, como nos aponta Hauser (1998, p.716) “O número de leitores vinha crescendo constantemente na Inglaterra desde o início do século XVIII”. O conhecimento torna-se necessário, e a busca do entretenimento é notória e incondicional aos ainda não leitores. É neste interim que o romance histórico a passos lentos começa a ser evidência, substituindo assim o velho e bom gênero romanesco. Sandra Vasconcelos (2002, p.11) ressalta que o romance não ignora seus antecedentes, apenas entra em cena como uma forma histórica para dar conta a um novo conteúdo social. E ainda afirma

que poucos foram os gêneros literários que assumiram como o romance histórico, uma responsabilidade de se voltar às raízes fincadas no tempo, e aos contextos socioculturais.

Portanto não se convém apenas resenhar a sua origem e suas derivações, e sim acrescentar um modelo de se estabelecer uma dialética de como contribuiu em um aspecto literário visando uma nova concepção, que, provida de reminiscências, mapeia e discerne uma nova tônica de leitura ao indivíduo leitor. O que harmonizou o conhecimento cultural, histórico e social de uma época.

Contextualmente, o romance histórico circula em um cenário que pressupõe um envolvimento de uma série de acontecimentos. Estas, digamos transformações sociais e econômicas que circundaram a Europa do século XVIII, foram fatores preponderantes para a vinculação desse germe e novo estilo de gênero. Todavia é necessário dar ênfase a uma questão social e cultural, para que esse prisma literário se materializasse.

Existia uma necessidade, um encarcerado sentimento ideológico de nacionalismo que precipitava em rebelar-se. E para tal feito agregou-se essa vontade, os valores e o retorno ao passado, recaindo sob a voz do romance a responsabilidade dessa sutil manifestação. E dessa agremiação já anunciada, que tem como ingredientes ficcionismo, historicismo e popularização do nacionalismo, é que faz nascer as mais belas narrativas dos séculos XVIII e XIX.

Regredindo um pouco sobre seu início, o romance histórico tem como origem a Inglaterra, e espalha-se para todo mundo. Em sua aparição evidencia alguns desbravadores que teriam dado as primeiras noções de historicismos aos romances que se faziam históricos. Figuras como Henry Fielding, autor de *A História de Tom Jones*, (1749), Samuel Richardson, autor de *Pamella*, (1740), mudando o rumo da ficção inglesa, apesar de não terem se dedicado ao romance histórico obtiveram papéis importantes apenas para o romance moderno. Pois, quem de fato realmente estruturou, formalizando o romance histórico, tornando-o público e popular, fora o escritor Walter Scott.

Primeiramente poeta e, após ter aderido ao estilo romance, este escocês foi considerado o fundador do romance histórico. E essa identidade é devida aos enredos, como já visto, recheados de dados, personagens reais e ficção, lotadas em um ambiente que se baseia nos costumes do povo e na reconstrução do passado. O autor de *Waverley* (1814) transfere para seus romances informações de pesquisas sobre as tradições, línguas e costumes,

inicialmente do povo escocês, não sabendo ele que estaria involuntariamente desenvolvendo um estilo, que muitos na mesma época, e após ele copiarão. Inspirando-se no passado histórico social, mesclado a fatos reais, ficção e a um cenário identificado com a memória nacional, Scott edifica essa ideia. E que de acordo com este autor:

Embora Walter Scott não possa ser considerado o verdadeiro criador do romance histórico, foi ele, sem dúvida, o fundador do romance que lida com a história social, um gênero que ninguém antes dele havia vislumbrado. (HAUSER, 1998, p.717)

Coube a este romancista receber essa honraria, pois sua contribuição foi de grande excelência para que se cristalizasse na literatura, de ser um grande nome neste mais novo modelo de romance, e ainda ser agraciado pelo gosto popular. Sendo que, inclusive, alguns de seus romances traduzidos em diversos lugares.

Os belos romances de Scott lhe creditaram ser um dos maiores romancistas históricos de todos os tempos, cuja obra segundo Soares, (2000, p.204) “é considerada o paradigma do gênero” na qual estão incluídos *Ivanhoe*, (1819) e o *Abade*, (1820). Houve outros, com grande significância e participação literária nesta mesma ótica, como Victor Marie Hugo, com *Nossa Senhora de Paris*, (1831); Alexandre Dumas, com *Os Três Mosqueteiros* (1844) e Leon Tostói, com seu majestoso; *Guerra e Paz*, (1869).

Mas, apesar de todas essas contribuições destes e de outros adeptos, que profundamente deram um significado real de diversificação nestes textos, só foi mesmo com o escritor Walter Scott, que o romance histórico ganhou de fato essa personalidade, transformando-se em elo entre literatura, história e nacionalismo. Como afirma Teófilo Braga acerca do pensamento em discussão:

O Romance histórico era um grande elemento para determinar a originalidade nas literaturas modernas; estabelecendo a idealização da vida social da Idade Média, separava-se assim da vida moderna, coadjuvando o poder de reconstrução subjetiva a que não se poderia chegar se ficassemos constantemente parodiando os modelos literários da antiguidade greco-romana. (BRAGA, 1984, pp.297-298)

Outro seguidor que se interessou pelo romance de raízes foi o também romancista Vitor Hugo, de quem já dizia este autor:

O Romance histórico, sobretudo como concebeu Victor Hugo, era aliás um gênero de limites indefinidos em que se misturavam a prosa poética, a erudição, o comentário filosófico, social e político, a descrição pitoresca, a pretexto de narração. (SARAIVA, 2001, p.710)

É coerente consentir e ratificar Antônio José Saraiva, afinal, este modelo de narrativa, determina a certo modo um diálogo com o conhecimento adquirido sobre a trama

que se desenvolve no enredo, e logicamente com a história, também faz uma exímia observação e evocação da natureza, critério este que os romances tradicionais não obtinham.

Walter Scott em suas narrativas históricas soube associar perfeitamente um equilíbrio entre a ficção e a história, perfilando o real e o imaginário, criando personagens históricos e fictícios aproximando os fatos da verossimilhança, revalorizando e idealizando as raízes, e descrevendo os costumes e reconstrução das instituições esquecidas, característico do romance histórico. Segundo Hauser, (1998, p.717) “Ele não só busca apresentar um quadro intrinsecamente verídico de uma situação histórica, mas também dota seus romances de introduções, notas explicativas e apêndices, a fim de provar a fidedignidade científica de suas descrições”.

Em Portugal nos mesmos parâmetros, o romance passa no século XIX, a ser bem visto pelos autores. Influenciado por Walter Scott de quem cultivava uma calorosa admiração, Alexandre Herculano, assimila e aprova este gênero de novelística no país, chegando inclusive a traduzir várias de suas obras. Quando por fim dá início, sendo Herculano o primeiro a apresentar o gênero ao público português, que para isso bem se preparou;

E no panorama, Herculano não só preparava o público, para o novo gênero de novela como também acumulava informações eruditas para ilustração dos futuros novelistas, seja sobre a arquitetura gótica, situação, das diversas classes sociais na Idade Média antigos foros e costumes, milícias, momentos cronistas portugueses etc...etc. (CHAVES, 1980, pp.15-16)

Trilhando as características normais desta narrativa novelística, que explora as reminiscências da poesia nacional, a ressurreição da estética da vida social da época histórica da Idade Média expressando o modo de sentir e existir do povo, Herculano abraça o estilo que o consagrará como romancista historiador. Para Saraiva:

A evocação medieval dos romances de Herculano, como os de Garrett, insere-se na campanha literária romântica do regresso às raízes nacionais, fazendo tábua rasa da época clássica que era, também, para os românticos a do absolutismo monárquico e da decadência. (SARAIVA, 2001, p.712)

Outro autor consagrado que seria injusto não citar, é Almeida Garrett, que, igual a Alexandre Herculano, também adota a causa do romance. Ambos ajudaram com suas obras para a propagação e o acesso do povo ao gênero.

Almeida Garrett, com o romance *Dona Branca*, (1826), e Alexandre Herculano, com os romances *O Bobo*, (1843), e o *Monge de Sister*, (1848), iniciam-se no mais novo

desafio. Para Franca, (1993, p.31), “O romance histórico nascia deste modo em Portugal, graças aos dois escritores ao mesmo tempo e dentro do mesmo quadro ideológico”.

Ao ser questionado sobre as estruturas de seus romances históricos, certa vez Herculano respondeu:

Nós procuramos desentranhar do esquecimento a poesia nacional e popular dos nossos maiores: Trabalhamos por ser historiadores da vida íntima de uma grande e nobre, e generosa nação que houve no mundo, chamada nação Portuguesa a qual ou já não vive, ou se vive, já nem ao menos tem esforço ou virtude para morrer sem infâmia. (HERCULANO, apud BRAGA, 1984, pp.303-304)

Herculano obteve grande sucesso nas veredas do romance histórico e como historiador, narrando o passado medieval português. Neste cenário escreve uma de suas maiores obras de romance histórico, que foi *Eurico, o Presbítero*, (1844); sua maior e relativamente conhecida novela cavaleiresca, onde narra a saga do cavaleiro Eurico na qualidade de herói romântico, o qual posteriormente será nosso objeto de análise.

UM DESPRETENCIOSO OLHAR SOBRE A OBRA *EURICO, O PRESBÍTERO*.

Citar Alexandre Herculano e não resigna-lo a lembrança a um de seus belos romances se constitui em uma tarefa bastante difícil. Autor de narrativas mescladas de paixão, ardor, belas paisagens, personagens envolventes, misteriosos, enigmáticos, castelos medievais, cavaleiros, princesas, heróis e enredos recheados de finais imprevisíveis, ocasionando espanto ao leitor, é uma das marcas peculiares deste escritor.

Alexandre Herculano foi um desses romancistas que premiou os leitores e a crítica literária com essas belas e notáveis histórias que ainda deleitam a curiosidade e sanam a sede daqueles que admiram um bom texto literário.

Baseando-se nesta perspectiva acerca do autor, convém aqui expor um de seus mais conhecidos romances, que traz no enredo todo esse tempero que Alexandre Herculano soube habilmente dosar. Refiro-me ao cavaleiro negro, *A Eurico, O Presbítero* que dentro do formato romântico como romance histórico, de todos foi sua grande obra prima.

Transcorria como havia de ser o século XIX, quando este escritor Português apresentou ao público o romance, com características românticas e históricas, *Eurico, O Presbítero*, que vem com a narrativa, na qual se destaca a drástica história de amor entre o gardingo Eurico, e sua singela Hermengarda. Mas, em contrapartida e, intercalando-se a essa temática, possuindo cunho mais histórico, e servindo de cenário para o desenrolar da história de amor dos dois protagonistas, se semeia um conflito espetacular entre dois povos, mulçumanos e cristãos.

Neste momento há que ressaltar que a obra descrita é datada de 1844, ano de sua publicação, porém a narrativa em que se passa a ação é desenvolvida e reconstrói eventos acontecidos do início do século VIII, mais precisamente a histórica invasão Árabe à Península Ibérica.

Na obra, *Eurico, O Presbítero*, que se passa em um tempo cronológico, perceptível devido às marcações no texto, Herculano narra a triste e sombria história de amor que se passa no século VIII entre um guerreiro chamado Eurico e uma formosa e linda donzela, cujo batismo lhe rendeu o nome de Hermengarda. E uma história que poderia ser um conto de fadas, se transforma em uma das mais belas e controversas narrativas do período romântico, focalizando temas históricos, de amor, paixão, traições, superação, religião e fé.

Combatendo na Cantábria ao lado do rei Roderico, seu amigo e rival de glórias Teodomiro, Eurico e aliados conseguem sufocar uma rebelião de montanheses. Após saírem vitoriosos desta campana e de voltarem ao lar, Eurico pede ao duque de Cantábria, Fávila, pai de Hermengarda, sua mão, com a intenção de desposa-la. Mas por se tratar Eurico de um homem sem títulos de nobreza e por ser de origem humilde não lhe é permitido tal honraria. Fato esse confirmado por Herculano (p.23) “Orgulhoso, Fávila não consentira que o menos nobre gardingo pusesse tão alto a mira dos seus desejos”.

Após esta terrível decepção, e por acreditar que Hermengarda compartilha das concepções do pai, Eurico, desiludido abraça o sacerdócio e torna-se o Presbítero da Cartéia, “O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia da Cartéia” (p.22).

Nesta etapa de sua calma existência, ele se dedica estritamente a suas funções religiosas, além disso, compunha hinos e poemas que se espalham por toda Espanha. Como bem observa o Herculano, (p.27) “Eurico era autor de alguns cânticos religiosos, transcritos nos hinários de várias dioceses, e uma parte das quais brevemente foi admitida na própria catedral de Híspalis”.

Mas toda essa nostalgia e marasmo em que vive Eurico transformam-se em pesadelo quando descobre uma invasão árabe a seu país, que liderada por Tárique desembarcava com o propósito de dominar o território Espanhol.

Diante desta assustadora possibilidade e com a perspectiva de ver seus compatriotas escravizados sob domínio de infiéis, Eurico retoma o ar de guerreiro e compromete-se a lutar e a expulsar os invasores, “No dia do combate, Eurico despirá a estribe inocente do sacerdócio e vestirá as armas para defender estes objetos queridos de seus derradeiros afetos” (p.57). O herói avisa Teodomiro sobre a situação que se avizinha, Teodomiro! Teodomiro! Um dia tremendo se aproxima, em que a Espanha deve ser o Túmulo da raça goda” (p.52), e dá segmento encarnando um misterioso, valente e destemido cavaleiro negro, que combate heroicamente na defesa de sua nação. Acerca desta aparição vê-se:

Teodomiro, breve virá, talvez, o dia em que vejas que o braço do gardingo não enfraqueceu debaixo das roupas do presbítero; em que ele te prove que a mortija cor de uma negra armadura pode ser tão bela ao sol das batalhas como as couraças e os elmos resplandcentes de nobres guerreiros que o franquisque grosseiro de um obscuro soldado pode contribuir para a vitória como a perícia militar de capitão famoso. (HERCULANO, 2007, pp. 61,62)

Como cavaleiro negro, sem que ninguém saiba sua identidade, Eurico se destaca, ganhando e impondo respeito e sendo temido pelo inimigo, transforma-se em uma referência, um sinônimo de vitória, destruindo fileiras de inimigos e encorajando o exército visigodo, “Animados por ele, os godos cobrando novos brios, procuravam imita-lo e arremessavam-se destemidos através da hoste inimiga, que debalde procurava resistir à torrente” (p.77).

Quando a vitória parecia chegar para o exército godo, acontece uma infame traição, que muda o curso da guerra, “E o quingentário que voltava gritou de longe: ‘Somos traídos’! Roderico empalideceu. A certeza da vitória tinha-se desvanecido” (p.78). Neste ínterim o rei visigodo Roderico, cai em batalha deixando a Teodomiro a missão de liderar o povo.

Hermengarda é enviada a um mosteiro chamado Virgem dolorosa, e lá se junta a outras moças. Quando o mosteiro se vê sob ameaça de invasão, e na iminência do sacrilégio de virgens serem violentadas pelos infiéis, eis que elas preferem ser mutiladas, e sacrificadas, Os seus rostos inchados, emanando sangue, eram disformes e horríveis (p.103). Hermengarda é a única que por sorte escapa da terrível sina mesmo tendo consentido o mesmo final trágico. Aprisionada pelos árabes é levada a tenda de Abdulaziz, cuja intenção é profana-la e subjuga-la a ser sua rainha e pedir que seu irmão Pelágio traísse o seu país.

Teodomiro se rende aos árabes, restando ao jovem Pelágio a única esperança de libertação ao povo godo.

Conhecendo o que poderia ser o destino de sua amada e o trágico desfecho que poderia se dar com Hermengarda, Eurico na qualidade de cavaleiro negro e alguns soldados partem para resgata-la. O resgate é feito com sucesso e após uma perseguição alucinante, conseguem chegar até as montanhas das Astúrias, como diz o narrador (p.106) “As montanhas das Astúrias eram o verdadeiro e único refúgio da independência goda”. Hermengarda é levada até a presença de Pelágio, agora duque de Cantábria, que se encontra recluso em uma gruta nestas montanhas por nome de Covadonga onde estão refugiados.

Já em segurança Hermengarda reencontra Eurico, ela lhe diz que nada mais poderá interferir em suas vidas e agora poderão ser felizes. É quando Eurico faz a triste revelação que ele e o presbítero da Carteia são a mesma pessoa e que também é o lendário cavaleiro negro, “Há comum, que o guerreiro e o presbítero são um desgraçado só. Importa que esse desgraçado é neste momento um sacerdote sacrílego. O pastor da Cartéia...” (p.172).

Após essa dolorosa revelação, Eurico impossibilitado de viver esse amor resolve, nos moldes mais românticos, atirar-se à morte em um combate suicida, confrontando os traidores da pátria, Opas, Juliano e o árabe Muguíte. Os dois primeiros caem diante do cavaleiro, já Muguíte, finaliza o herói por complacência do próprio Eurico em seu último combate, o que também se confirma em Cereja, (1999, p.20), “Depois de ter participado de uma bem sucedida emboscada contra os árabes, Eurico se deixa matar pelos inimigos, pondo fim ao seu sofrimento amoroso e ao conflito religioso”.

No dia seguinte Hermengarda amanhece entoando hinos do presbítero da Carteia, e com uma sinistra gargalhada apresenta indícios de loucura. E Herculano dá o epílogo ao seu romance assim: “A desgraçada tinha, de feito, enlouquecido”. (p.178)

Por se tratar de um romance, e explorando uma temática amorosa, talvez não tenha sido o final esperado. O mocinho entregando-se à morte, mesmo podendo vencer seu oponente, e sua amada com um final não menos triste, enlouquecendo. Nesta criação romântica de Herculano, encontramos duas personagens não vivendo uma história de amor proibido, mas sim, impossibilitados de se amarem.

Explorando uma visão mais crítica e próxima da realidade, a história de Eurico e Hermengarda foi apenas um pretexto, uma saída a que o autor sabiamente recorreu, usando uma relação entre duas pessoas para narrar um fato histórico ocorrido séculos antes de seu nascimento. Que foi a dominação árabe ocorrida no século VIII, quando mulçumanos dominaram toda Espanha, encontrando resistência apenas em alguns, que nas montanhas das Astúrias resistiam. Em referência a este pensamento, este autor esclarece:

Nessas obras, misturando-se a fatos históricos devidamente documentados, a matéria literária (trama amorosa, aventuras de cavalaria medieval, fantasia, imaginação) é às vezes utilizada pelo autor apenas como pretexto para dar vazão às suas ideias sociais, filosóficas, religiosas e nacionalistas. (CEREJA, 1999, p.20)

E é o que vemos nesta obra de Herculano. Uma temática trazendo um conflito entre ideologias e crenças religiosas, possuindo um predomínio na maior parte do texto, deixando em segundo plano o amor dos pupilos, Eurico e Hermengarda que são meros coadjuvantes neste episódio histórico. Citemos um fragmento onde Herculano relembra algumas dessas passagens históricas:

Os que têm lido a história daquela época sabem que a batalha de Cangas de Onis foi o primeiro elo dessa cadeia de combates que, prolongando-se através de quase oito séculos, fez recuar o alcorão para as praias de África e restituir ao evangelho esta boa terra de Espanha, terra, mais que nenhuma, de mártires. Na batalha de junto do

Auseba foram vingados os valentes que pereceram nas margens do Críssus; porque mais de vinte mil sarracenos viram pela última vez a luz do sol naquelas tristes solidões. (HERCULANO, 2007, p.174)

No texto, como de costume e por seguir as receitas e os moldes de romances históricos, Alexandre Herculano mistura personagens fictícios em cenários reais e históricos, ambientados numa Idade Média que serve para elencar dados que realmente fazem parte da história narrada. E é o que se confirma com Paulo Motta oliveira quando diz:

Durante todo o romance temos uma voz narrativa que assume estar narrando acontecimentos verídicos. Isto pode ser notado, por exemplo, no capítulo introdutório, em que é apresentado, como nos diz o narrador, “o estado político e moral da Espanha na época em que aconteceram os sucessos que vamos narrar” e em que é indicado que os sucessos que serão narrados estão inseridos em contexto histórico verificável. (OLIVEIRA, 2000, pp.137-138)

É neste contexto que o autor aproveita para trazer à tona, valores esquecidos e desprezados. Nela reacende o moral e o brio do culto ao cavaleiro, o heroísmo, um patriotismo exagerado, a construção e a presença de um salvador, e o nascimento de um Herói, este representado pela personagem Eurico. Vejamos essa construção em relação ao patriotismo que faz o autor:

Terra em que nasci, se o teu dia de morrer é chegado, eu morrerei contigo. Na procela que se alevanta de África deixarei submergir o meu débil esquife, sem que a esses gemidos que ouvi se vão ajuntar os meus. Que me importa a vida ou a morte, se o padecer é eterno? (HERCULANO, 2007, p.49)

O texto narrado é predominante em terceira pessoa, aparecendo participações em primeira, e tem na voz de seu autor Alexandre Herculano, um narrador onisciente intruso. Algumas vezes este narrador parece tomar partido e indignar-se em discordar com as atitudes cometidas pelas personagens. Observa-se essa interferência e ao que parece uma indignação do narrador em não entender ou a não concordar com as atitudes de Hermengarda e seu pai em relação a Eurico:

Porque mulher bárbara não entendeu o que valia o amor de Eurico; porque velho orgulhoso e avaro sabia mais um nome de avós do que eu, e porque seus cofres havia mais alguns punhados de ouro do que os meus.

As mãos imbeles de uma donzela e de um velho esmagaram e despedaçaram o coração de um homem, como os caçadores covardes assassinaram no fojo o leão indomável e generoso. (IBDEM, 2007, p.43)

Com essa interrupção se percebe uma parcialidade do narrador a favor de Eurico, expugnando os culpados e eximindo-se da culpa de sua triste e amarga existência.

Neste romance de cavalaria, ao narrar a história, Herculano de fato alterna o narrador, emprestando a voz a diversos personagens, principalmente a Eurico, que por vezes

passa a narrar as ações em primeira pessoa. Conforme Paulo Motta Oliveira, (2000, P.156) tem por objetivo obter um efeito de distanciamento. Revezando essas várias vozes se tem como resultado propiciar um encaixe das narrativas dentro da história principal. Vejamos este fragmento em que Eurico assume o papel de narrador:

O barqueiro Ranimiro dormia na sua barca amarrada na foz do Palmonio. Uma saudade indizível atraia-me para o mar.

Saltei na barca; o ruído que fiz despertou Ranimiro. –“Ao largo” – disse-lhe eu. Empunhou os remos, e partimos. (...) – Quero respirar o ar puro e fresco da tarde; mais nada – repliquei. –Leva-me, para onde te aprouver. (HERCULANO, 2007, p.41)

O espaço ou ambiente em que se desenvolvem as ações do enredo tem a predominância de em um espaço aberto. Quase todas as ações se passam em locais que preenchem e dão uma maior capacidade à ação dos eventos ocorridos e descritos pelo narrador. A exemplos das frequentes batalhas entre godos e árabes que acontecem nas margens do rio Críssus, e na ponte do Sália, locais em que se desenvolve praticamente todo ápice das ações, além das obscuras florestas e íngremes montanhas, paisagens constantes descritas pelo autor.

Os espaços fechados também aparecem, mas com menos frequência porém não com menos importância. Um merece destaque, o que se passa em um dos capítulos mais tristes e comoventes da história, o ocorrido no interior do mosteiro da virgem dolorosa. Entre outros citados pelo narrador, estão a tenda do ami Abdulaziz e a gruta de Covadonga. Esses espaços estão bem desenvolvidos a partir das diversas descrições usadas e no texto. Para essa ideia de espaço, este autor define assim:

Também denominado ambiente, cenário ou localização, o espaço é o conjunto de elementos da paisagem exterior (espaço físico) ou interior (espaço psicológico) onde se situam as ações das personagens. É imprescindível, pois não funciona apenas como pano de fundo, mas influencia diretamente no desenvolvimento do enredo, unindo-se ao tempo. (SOARES, 2000, pp.51-52)

As personagens são o que movem a história de qualquer texto, seja literário ou não. Sem personagens não existem ações, conflitos, enredos, não existe história. Ou seja, as personagens significam e se traduzem em um combustível essencial para qualquer desenvolvimento na vida real ou na ou ficção.

E aproximando-se das personagens deste romance, percebemos uma ligação e um espaço entre a ficção e a história. Nelas se depositam personagens de grandes expressões e aqueles inseridos apenas para uma composição de engajamento, conferindo ao enredo uma

aproximação aos fatos que na época teriam acontecido. Neste sentido, aparecem personagens caracterizados, que apesar de se manterem presentes não assumem certo destaque. São as personagens secundárias e que possuem uma caracterização plana, atores da ação que endossam a previsibilidade no texto. Essas previsibilidades destes atores fazem relação ao ímpeto e a seu caráter do início ao fim de suas ações no decorrer da história. Conforme este ilustre autor, estas personagens assim são definidas:

Uma personagem secundária, em face dessa economia da narrativa, costuma apresentar características redundantes, não modificando seus poucos atributos. Sua tendência é não evoluir, mantendo-se assim, dentro de um sistema estático de atribuição. Se uma personagem é boa ela permanecerá com esse atributo no decorrer da narrativa, com ações bastante previsíveis, confirmando sua bondade. (ABDALA, 1995, p.41)

Sob esse olhar elenca-se o rei Roderico, Fávila, Teodomiro, a monja Cremilda, os cavaleiros, Atanagildo, Astrimiro, Sancion, Pelágio, e os sarracenos, Tárique, Abdulaziz e Muguite. E. M. Forster, (1970, p.54), acrescenta que (...) “às vezes chamam-nas tipos, às vezes, caricaturas. Em sua forma mais pura são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade: quando há mais um fator atingimos o início da curva em direção às redondas”. Essa relação que faz este autor é em referência a tipos de personagens que podemos exemplificar na obra, como as freiras do convento da virgem dolorosa, os próprios sarracenos que não possuem uma individualidade, e que portanto assumem um caráter mais figurativo.

Paralelos a estes personagens também destacam-se na obra como protagonistas, Eurico e Hermengarda, que divergindo-se das outras, caracterizam-se por serem personagens redondas, assumindo um papel mais complexo e imprevisível em suas ações e atitudes no curso da história. Como afirma este autor:

A personagem redonda, pela sua caracterização complexa, deve figurar entre as personagens centrais da narrativa. Ela é imprevisível e suas predicções vêm aos poucos. Por apresentar complexidade psicológica, a personagem redonda pede focalizações internas, seja dela própria ou de outras personagens que a observam. (IBDEM, 1995, p.42)

Esta observação concordamos é convencionalmente puramente ao caráter dos protagonistas, relacionando-se a eventos ou mudanças internas e externas, ou seja, não alteram seus valores e princípios, independente das possíveis mudanças sociais que lhes possam acontecer. E reforçando essa ideia, para a autora Beth Brait (1985, p.41), (...) “são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor”.

No caso de nossa heroína, a personagem vem dotada de uma idealização, centralizando todas as indumentárias da mulher romântica, doce, frágil, formosa, carinhosa, inocente e angelical. Todos esses preceitos se harmonizam em torno dela, mesmo que em algumas passagens mostrem contrastar com suas reais características, quando num impulso repentino e num raro momento, permite surpreender o leitor. Leiamos essa passagem em que autor relata na voz da personagem este fato:

A minha resolução é Morrer, quando te aprouver – replicou a cativa com serenidade; - porque essa resolução há muito que eu a tomei. Enganei-te pagão quando de ti pedi dois dias para chorar! Escarneci de ti, porque te abomino. (HERCULANO, 2007, p. 122-123)

Essa exuberante mulher é o grande amor e também o terrível suplício de Eurico, que se configura do início ao fim da narrativa. No enredo adota uma postura de obediência ao pai, ao irmão e a sua fé cristã. Mas não se unindo a Eurico no matrimônio, permanece infeliz e solitária, alimentando-se apenas de uma lembrança, a do pobre Eurico.

Na obra *Hermengarda* se destaca apenas por ser a grande paixão do gardingo, e por caracterizar o perfil da mulher angelical. Mantém-se fiel a uma personalidade incontestável problematizando apenas a origem dos infortúnios do presbítero.

A personagem Eurico é a identidade do perfil do homem romântico. Surge como protagonista, pois todas as ações construídas no enredo, excluindo-se uma vertente histórica, passam e são norteadas por ele.

Eurico é um destes heróis que acredita que os valores religiosos e patrióticos são mais importantes do que a própria vida. E é o que se vê em sua trajetória por suas ações como homem, soldado e presbítero, mesmo vivendo em toda narrativa um martírio cuja origem fora o amor. Sentimento ao qual os mais fortes dos homens teriam rendido-se facilmente, traíndo seus objetivos e seus votos. Mas em nome de sua honra e da fé, confronta-se diariamente com seu mais ardoroso inimigo, uma avassaladora paixão, que só se exaure através da lâmina do sarraceno Muguite.

Nesta narrativa, Eurico vive três momentos distintos. Sempre se mantendo fiel aos mesmos princípios éticos que o acompanharam, traduzindo-se em um homem bom e honrado. Em relação a esse primeiro momento vivido por nosso herói, é destacado assim:

Descendente de uma antiga família bárbara, gardingo na corte de Vítiza, depois de ter sido tiufado ou milenário do exército visigótico vivera os ligeiros dias da mocidade no meio dos deleites da opulenta Toletum. Rico, poderoso, gentil, o amor viera, apesar disso, quebrar a cadeia brilhante da sua felicidade. Namorado de

Hermengarda, filha de Fávila, duque de Cantábria, e irmã do valoroso e depois tão celebre Pelágio, o seu amor fora infeliz. (IBDEM, 2007, pp.22-23)

Portanto um homem comum, valente, guerreiro, apaixonado, mas sem títulos de nobreza. Razão que lhe traz uma dolorosa consequência que se perpetuaria até a sua morte. O Guerreiro poeta adotara a religião como refúgio, passando a partir de então uma diferente etapa em sua vida adotando um novo ofício. E este segundo momento o narrador define sequenciando o seguinte relato:

Eurico era autor de alguns cânticos religiosos transcritos nos hinários de várias dioceses, e uma parte dos quais brevemente foi admitida na própria catedral de hispalis. O caráter do poeta tornou-o ainda mais respeitável. A poesia dedicada quase exclusivamente entre os visigodos as solenidades da igreja, santificava a arte e aumentava a veneração pública para quem exercitava. O nome do presbítero começou a soar por toda Espanha como o de um sucessor de Dracônio, de Merobaude e de Orêncio. (HERCULANO, 2007, p.27)

Nota-se que Eurico, apesar de inúmeros adjetivos designados aos mais valentes e destemidos guerreiros, demonstra às vezes certa subjetividade, e um pessimismo, mas não deixa de ser patriota e muito menos renega sua religião, característico do homem romântico. Mesmo adquirindo externamente tais mudanças de hábito, é referendado por Herculano, (p. 24) desta forma, “A nova existência de Eurico tinha modificado, porém não destituído o seu caráter”.

E em uma terceira e última etapa nosso herói protagoniza sua maior reviravolta na trama. É quando se transforma no cavaleiro negro e se une ao exército visigodo.

Guerreiro, rico, feliz e apaixonado: infeliz, Presbítero e solitário: e, por último, infeliz, solitário, guerreiro e herói. Assim resume-se a fatigante história de Eurico e o início de sua construção como um herói romântico.

A CONSTRUÇÃO DE EURICO COMO HERÓI ROMÂNTICO NA OBRA: *EURICO, O PRESBÍTERO*.

Os mistérios que circundam as fantasias sobre o herói, assemelham-se à história da humanidade, pois não se pode conceber o mundo sem o homem, assim como não se compreende o homem sem seus salvadores, assim tem sido e assim sempre será. Sempre surgiram pessoas que legitimam-se por sua honra, caráter, bravura, ímpeto, e que foram e são capazes de se superarem diante de seus mais árduos limites. Seres que estabelecem uma ação na qual o objetivo maior era em último grau o bem comum de um determinado grupo. E que por reação a suas ações samaritanas elevavam-se recebendo a designação de Herói.

Sobre essa temática admite-se que são muitas as categorias de heróis, são inúmeros os personagens com este perfil que fomentam e enriquecem a imaginação de tantos sonhadores. Pois no íntimo todos queremos ser, ter, ou até brincarmos com algum tipo de herói, contribuindo, salvando indefesos, sendo reconhecidos e amados é a fantasia que permeia o centro gravitacional de nossos pensamentos. E isso se dá simplesmente por achar que o universo habitável deste ser se restringe apenas a um doce e belo conto de fadas, resultando em um final feliz.

Ser intitulado como “Herói” exige tortuosos sacrifícios e abdições pessoais contínuas, executadas apenas por seletos personagens que se encontram além e a margem dos demais. Como reforça este autor:

Ser herói dá trabalho (...) exige genialidade. Como o gênio, o herói deve conquistar não apenas a admiração pelos seus feitos e sua coragem, mas também o afeto de seu povo pelo seu caráter cristão. Somente assim ele atingirá a eternidade. (GRACIAN apud FEIJÓ, 1984, p.28)

Como se vê o universo, o ambiente, o que desenha esse ser é mais complexo, chegar a essa patente independe do sexo, da vontade, tempo, espaço, bandeiras ou de divisas. As circunstâncias e os atos que fazem os heróis estão nas atitudes, na coragem e em uma concreta convicção de se estar fazendo justiça, essa é sua função primária, pois não posso eu ser um herói simplesmente por achar que devo ser. Como referenda este autor:

O herói pode ser branco ou até preto, homem ou mulher, atuar sozinho ou em grupo, ser um policial ou um cidadão, ser de carne e osso ou ser um super-herói de tevê ou de revista em quadrinhos, ser rico ou ser pobre etc... a sua função básica é sempre a mesma. Ele é o defensor da lei. A lei é, para ele, aplicação da justiça. (KOTHE, 1987, p.70)

Esse é o mapeamento característico de tantos personagens tidos com essa alcunha, e que no nosso meio sempre se fizeram presentes. Como abrevia Martin Cesar Feijó, (1984) “encontramos a questão do herói no mito, na história, na literatura, na antropologia, na psicologia, nas histórias em quadrinhos e até no rock”.

Segundo Feijó, (1984, p.49) “O herói nasceu do mito. Da separação do mito e da alienação da realidade nasceu o herói na história”. E essa denominação, herói é atribuída aos gregos devido estar relacionada a sua mitologia que conforme esse mesmo autor, (1984:17) pondera “os deuses e heróis eram indivíduos reais reis em suas comunidades que por suas virtudes ganharam a simpatia de seus povos, e que através das gerações essas qualidades foram se ampliando até atingir a divinização”. Observemos outro fragmento em que este autor dá sustentação ao seu pensamento:

Portanto, a mitologia grega pode ser resumida na vida dos deuses e heróis, sendo que os deuses tinham características humanas, como vícios e virtudes, e os heróis tendo características divinas, com poderes especiais, embora fossem mortais. (FEIJÓ, 1984, p.14)

Então para discutir esse tema, herói, tem-se por obrigação retroceder ao tempo e a história para reverenciar seus grandes heróis e seus grandes feitos, como os de Hércules e seus doze trabalhos que certamente o imortalizaram como um dos maiores heróis, não por ser filho de Zeus, mas por sua coragem, astúcia e força, atributos que o destacaram por suas façanhas realizadas no curso de sua vida e que o listaram dentro da história e o caracterizaram como um dos mais intrépidos heróis que a mitologia criara.

E além dele foram muitos os heróis. Os bíblicos Davi e Sansão, o destemido Aquiles, o astuto Ulisses e o sagaz Heitor, que aos olhos da impetuosidade e justiça defendiam os seus, às vezes dilacerando sua própria carne, muitos deles sucumbidos a improvável morte em face de seu vil ou glorioso destino.

Características e perfis preencheriam parágrafos e mais parágrafos conceituando suas diversas nomenclaturas que de acordo com Feijó (1984) podem ser, heróis épicos, mitológicos, trágicos, culturais, revolucionários, bandidos, problemáticos, românticos, e até o herói sem nenhum caráter. Cada um deles, portanto, seguindo com suas diferentes peculiaridades.

Estes personagens que possuem este viés atravessam os tempos. Toda nação tem o seu herói e é surpreendente como este registro desde seu aparecimento sobrevive, suas lendas, seus mitos, sua coragem, seus sofrimentos. Como esclarece Feijó, (1984, p.12) “Todos os

povos chamados de primitivos têm seus mitos e em seus mitos e cultos a presença de vários indivíduos destacados, superdotados, valentes, diferentes da média dos homens, que nós chamamos de heróis”.

Na Literatura, na história ele sempre está lá, confundindo-se com Deuses e semideuses ou simples mortais. E estas personagens deixam suas marcas eternizadas em nossas lembranças inicialmente pelos seus esforços, dores, paixões e sabedoria tornando-se lendas e memórias vivas para quem os reverenciou e ainda reverencia. O certo é que ele, o herói, nasce e se prepara para cumprir o seu papel dentro da história. E Eurico foi num desses heróis.

Em *Eurico*, nesta radiante novela cavalheiresca medieval postada em 1844, seu autor Alexandre Herculano recria uma incrível aventura onde ressuscita um herói na pele de um exuberante cavaleiro negro. Herculano translada um personagem fictício para uma época remota em que historicamente a península ibérica estava sob domínio árabe. E narrando esses fatos históricos cria e insere a personagem Eurico, que no meio a grandes batalhas, unidas a decepções amorosas, uma fé inabalável e em defesa de uma nação, vai se estabelecendo e se constituindo aos poucos como um herói e a esperança para os visigodos.

Como e porque um humilde e desprezado gadingo “Eurico” se transforma em uma referência nacional para um povo? Porque dentre tantos ele surge como um salvador, e que por mais fraquezas humanas que viesse a ter, desponta como um dos heróis mais intrigantes e misteriosos do romantismo?

É refletindo sobre essas indagações que se descobre porque essa personagem faz reunir tantos adjetivos ou os necessários para que o qualifique e fixe-o dentro desta categoria, o herói clássico e romântico. Na narrativa literária romântica e histórica de Herculano, destacaremos Eurico como esta personagem que incorporou nas entranhas do corpo e da alma a essência absoluta deste herói.

Ao grande herói mitológico Aquiles, foi dado o privilégio de decidir por uma existência breve, mas gloriosa como guerreiro ou ter uma vida longa e ser fadado ao esquecimento, (FEIJÓ, 1984). Por este enunciado séculos depois de sua morte se torna óbvio a sua escolha.

Ao contrário deste herói grego, Eurico não era filho de rei e não tinha a mãe uma deusa, portanto não nasceu um semideus e nem com a proteção dos deuses, contudo, a

divindade lhe agraciou com honra, coragem e fé, fortificantes que o ajudariam em sua formação como homem guerreiro e em sua metamorfose para transfigurar-se em um dos mais notáveis heróis medievais.

Eurico exemplifica e adquire com suas ações na obra uma postura que nos faz acreditar que dentro de alguns homens ainda existem certos valores que são capazes de mudar a vida, a existência, e até mesmo a história. Corajoso, íntegro e dotado de um amor intenso desfaz o mito de que todos os homens são corruptíveis.

Às vezes confuso, mas proprietário sempre da razão, esvai-se sempre para um caminho onde lutar contra si mesmo é a mais digna saída e razão pela qual enobrece seus princípios. Ajudar, amparar os desguarnecidos, ser um salvador, arcar com as responsabilidades de seus compatriotas o faz uma personagem notável que a muito não se via. Vejamos um fragmento em que se sustenta este pensamento:

Mas Eurico era como um anjo tutelar dos amargurados. Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar onde a aflição se assentava; nunca os seus olhos recusaram lágrimas que se misturassem com lágrimas de alheias desventuras. Servo ou homem livre, liberto ou patrono, para ele todos eram filhos. Todas as condições se nivelavam onde ele aparecia; porque, pai comum daqueles que a Providencia lhe confiara, todos para ele eram irmãos. (HERCULANO, 2007, p.26)

Com essas considerações que faz Herculano na obra, se percebe uma energia na personalidade de Eurico, o que o diferencia dos demais homens. Uma pequena fagulha que com o tempo se encarregaria de formar uma imensa fogueira que pouco a pouco devoraria sua alma e o estabeleceria em um ser diferente e misterioso.

Afastando-se do protótipo da maioria dos heróis, Eurico como herói se constituiria aos poucos e o amor, a fé e o apego à pátria seriam os pilares principais dessa transformação. Marcas responsáveis por Eurico vislumbrar-se em um misterioso e sobrenatural cavaleiro negro e conseqüentemente herói dos visigodos.

A decepção amorosa e o exacerbado patriotismo de Eurico nortearam o início e o caminho para sua construção que findaria em um trunfo surpreendente para seus compatriotas. Como afirma o autor:

O amor de mulher mal correspondido (...) o amor a pátria, despertado pelos acontecimentos que rapidamente sucediam uns aos outros na Espanha despedaçada pelos bandos civis, foi a mão que de novo abriu a chaga. (IBDEM, 2007, p.29)

Herdeiro de uma genética romântica, nosso herói tem suas fraquezas, melancólico, pessimista e sensível, vive um dilema, um constante duelo entre amor e fé típico do homem

romântico, mas que por sua vez não lhe tiram a capacidade de se superar. E vivendo em uma idade média dá vida e faz retornar o herói medieval.

Um conjunto de virtudes já existiam entrelaçadas, mas ainda camufladas no interior de Eurico. Faltava o estopim que deflagrasse essa energia que o próprio gardingo desconhecia, mas que soube balancear quando preciso em sua trajetória de vida. Dividindo suas glórias com o amigo e também valente Teodomiro, era homem comum, e por isso vivia dos deleites e prazeres que a corte de Vitiza lhe proporcionava. Mas como espécie de castigo ou predestinação do destino, Eurico enamora-se e desmorona ao conhecer o amor, o ponto fraco de todo herói. Igual à estonteante Penélope de Ulisses, Briseida de Aquiles e Dalila de Sansão, Eurico encontra a sua, Hermengarda. Diferente das outras, Hermengarda é apenas a representatividade da mulher na vida do herói Eurico. E como ressalta o nobre autor:

Uma vez conhecido o amor, o herói romanesco não consegue mais viver sem ele. A realização amorosa torna-se a finalidade última de sua existência. Por isso, sai do estado de inocência e enfrenta a “luta” para alcançar a felicidade entrevista. (D’ONÓFRIO, 2000, p.91)

Por essa razão Eurico passa ser escravo de um sentimento que o arrastaria até seu último suspiro.

Mas a partir deste momento se percebe uma diferença ainda maior em Eurico, resplandece uma alteração em sua existência, começa a manifestar-se sentimentos de angústia, o desprezo da mulher amada o faz entrar em um caminho, que para ele não teria volta. O estopim fora aceso e na alma de Eurico o início de uma transformação drástica que afetaria seu único destino. E o combustível para isso! fora a decepção do amor. Vejamos:

Depois de mil provas de um afeto imenso, de uma paixão ardente, o moço guerreiro vira submergir todas as suas esperanças. Eurico. Eurico era uma dessas almas ricas de sublime poesia a que o mundo deu o nome de imaginações desregradas, porque não é para o mundo entendê-las. Desventurado, o seu coração de fogo queimou lhe o vício da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado. (HERCULANO, 2007, p.23).

Fora como se tivesse recebido uma descarga da qual não estava preparado para receber, e as mudanças pareciam não ter mais um fim. O homem comum e corrente passa a ser podado, adotando uma postura adaptativa ao herói. Que nas palavras do autor se traduziam assim:

A embriaguez dos banquetes era para Eurico tristonha; as carícias feminis, facilmente compradas e profundamente mentidas, atrás dos quais correu loucamente outrora, tinham-se lhe tornado odiosas; porque o amor, com toda sua virgindade sublime, lhe convertera em podridão asquerosa os deleites grosseiros que o mundo oferece a sensualidade do homem. (...) mas o amor devorou na mente de Eurico

todos os outros sentimentos, como a lava cadente devora tudo que encontra, quando o vulcão vomita, alagando a superfície da terra. (IBDEM, 2007, p.51)

Nas palavras de Herculano, vimos que a personagem Eurico cai na descrença, uma súbita revolta interior que atinge sua alma, e um pessimismo aparente toma conta de suas dores. O amor o marcou deixando uma ferida aberta que teima em não cicatrizar. O amor de Eurico por Hermengarda foi um dos expoentes que por não tê-lo recebido o circunstanciou a uma de suas etapas mais melancólicas e solitária de sua jornada, a vida clerical.

É como se o amor para Eurico ou sua desilusão amorosa fosse a ele um mal necessário. Pois só assim deixou os vícios e os prazeres mundanos, defeitos inconcebíveis para encarnar a personalidade de um herói com seu perfil. É como se de forma inconsciente ele estivesse sendo empurrado para seu destino. Como esclarece o autor:

Uma das revoluções morais que as grandes crises produzem no espírito humano se operou então no moço Eurico. Educado na crença viva daqueles tempos naturalmente religioso porque poeta, foi procurar abrigo e consolações aos pés daqueles cujos braços estão sempre abertos para receber o desgraçado que nele vai buscar o derradeiro refúgio. Ao cabo das grandezas cortesãs o pobre gardingo encontrará a morte do espírito e desengano do mundo. (HERCULANO, 2007, p.23)

Eurico agora é padre presbítero e encontrava neste novo ofício uma inebriante paz para seus infortúnios. Temporariamente acalentou-se com a suavidade que sua nova vida lhe trazia. É o que se confirma neste fragmento:

A maior das humanas desventuras, a viuvez do espírito, abrandara, pela melancolia, as impetuosas paixões do mancebo e apagara nos seus lábios o riso do contentamento, mas não pudera desvanecer no coração do sacerdote os generosos afetos do guerreiro, nem as inspirações do poeta. O tempo havia santificado aqueles, moldando-os pelo evangelho, e tornando essas mais solenes, alimentando-as com imagens e sentimentos sublimes estampados nas páginas sacrossantas da Bíblia. O entusiasmo e o amor tinham ressurgido naquele coração que parecera morto, mas transformados; o entusiasmo em entusiasmo pela virtude; o amor em amor pelos homens. E a esperança? Oh, a esperança, essa é que não renascera. (IBDEM, 2007, p.24)

Eurico passa aos poucos a ser um novo homem, mesmo apresentando características românticas como seu pessimismo, porém revigorado de suas mazelas. Sua nova forma de vida traz uma percepção de uma nova etapa lhe dando um novo, e incerto caminho. Eurico possui os mesmos sentimentos, mas com uma nova roupagem, uma diferente compreensão que aos poucos vai amadurecendo para quando chegar a hora cumprir o seu estabelecido destino. O autor reforça essa ideia quando diz:

Levado à existência tranquila do sacerdócio pela desesperança, Eurico sentira a princípio uma suave melancolia refrigerar-lhe a alma requeimada ao fogo da desdita. A espécie de torpor moral em que uma rápida transição de hábitos e pensamentos o lançara pareceu-lhe paz e repouso. (HERCULANO, 2007, p.29)

Em sua reclusão Eurico parece estar passando por uma espécie de treinamento, uma preparação, não física, mas psicológica totalmente necessária para justificar futuramente seus atos perante o povo e a cruz.

Se o amor foi uma ascendente na criação de Eurico como herói romântico os fatores nação e religião também foram predominantes. Como pondera Martin Cezar Feijó, (1984, p.34) “O verdadeiro herói é filho da ordem; sua missão é garanti-la, e seu culto é a garantia das tradições dos credos e das sociedades instituídas”.

Assim encontramos o formato que perfeitamente encaixa-se nesta personagem que se sobrepõe sobre qualquer ameaça a sua fé e a sua pátria.

Eurico paradigma do herói romântico é capaz de defender com intransigência os princípios da liberdade e da justiça, projetando a identificação de seu destino pessoal como destino nacional. (SOARES, 2000, p.206)

Sem sombra de dúvidas, a consolidação de Eurico como herói romântico indubitavelmente condicionava seu sacrifício em assumir um compromisso relutando entre dois caminhos, ao seu amor e sua fé. Pois não se pode negar esse conflito neste herói que, a partir do clausuro, passa a ser latentes.

O quase ainda herói se consolidava fortificando sua fidelidade como uma das marcas intrínsecas tanto ao amor, à fé e à sua nação. Essa virtude que é representada na personagem é uma das marcas mais fortes que acompanha Eurico, o presbítero e o cavaleiro negro. Em todas as suas decisões a fidelidade está sempre legada aos seus costumes, suas crenças e ao povo. E é o que se confirma com esta autora quando enfatiza que:

A marca do heroísmo de Eurico é a fidelidade. Tal característica determina sua trajetória: não é possível quebrar a palavra, abandonar o sacerdócio para que o amor se realize. A fidelidade enquanto virtude também se liga a impossibilidade de transformação: Eurico não muda, só segue seu destino, que se funde inteiramente ao destino histórico da península diante da invasão árabe. A fidelidade aos povos que habitavam a península e também fidelidade ao cristianismo. Nesse sentido, Eurico ao manter os votos do sacerdócio repete os votos da península que se mantém católica durante 700 anos de dominação muçumana. E ainda fidelidade política a pátria, opondo-se a traição de alguns guerreiros e sacerdotes godos, responsáveis inclusive pela morte da personagem. (SILVA, FRANÇA, 2000, p.294)

Mas o destino prega então na vida deste gardingo mais uma surpresa, cujas ilusões, poesias, e desencantos da vida de Eurico ficariam em segundo plano. Em seu país precipitava-se um abismo sem precedentes, aproximava-se uma grande ameaça a seus princípios e no que acreditava, a horda de destruição não tardava em acontecer. Uma violação

as suas crenças mais fervorosas o fez emudecer. Eurico engatinhando como herói agora começa a andar.

Como uma predestinação, ao presbítero fora delegado a tarefa de ser o primeiro sabedor dos tenebrosos dias que o solo de Espanha passaria. Como descreve Alexandre Herculano, (2007, p.47), “Terribilísimos foram os sonhos que Deus mandou ao presbítero; mas, por ventura, mais terrível é sua significação”. Eurico começava a ter ciência do futuro que lhe aguardava. E ao amigo lhe diz: “Teodomiro, Teodomiro! Um dia tremendo se aproxima em que a Espanha deve ser o túmulo da raça goda. Em sonhos ante vi esse dia e, após os sonhos a medonha realidade ai se me alevanta diante dos olhos”. (HERCULANO, 2007, p.52). Reforçando essa ideia tem-se a seguinte ponderação:

O sonho indica-lhe também seu destino, o que devera fazer. Os tempos de vigário da Cartéia terminaram, sua vida mudará radicalmente, exatamente como a vida da península. O sonho premonitório da personagem central tem também função de criar um falso suspense e distinguir o herói, fazer dele um iluminado de Deus. (SILVA, FRANÇA. p.292)

Observemos que não foi ao acaso Eurico em sonhos receber e ser escolhido para ser o mensageiro do presente desastre que se instaurava no país. Eurico já se constituíra como um herói, faltando apenas o grand finale, sua apresentação e aparição como tal, e essa confiança lhe é depositada diante da perspectiva de que seja o único dotado capaz dessa missão. Consideremos o que diz este autor:

A crença na capacidade do herói em fazer a história é sempre à desconfiança com relação a capacidade dos indivíduos de se organizarem para atingir seus fins. A espera do herói é sempre a espera de que “outro” faça por nós o que nos consideramos incapazes de realizar. (FEIJÓ, 1984, pp.38-39)

Sendo assim a febre patriótica em Eurico manifesta-se avassaladoramente e o cumprimento de seu destino é chegado. Como um quebra cabeças as últimas peças vão sendo montadas no que culminará em mais uma de suas duras decisões, agora como um destacado defensor de suas fronteiras, é o que se vê quando pela voz do próprio Eurico é entoada:

[...] Mas não é a sua coroa que os filhos das Espanhas têm hoje que defender; é a liberdade da Pátria; é a nossa crença; é o cemitério em que jazem os ossos dos nossos pais; é o templo da Cruz, o lar doméstico, os filhos e as mulheres, os tempos que nos sustentam e as árvores que nós plantamos. Para mim, de todos estes incentivos, apenas restam dois: o amor da terra natal e a crença do Evangelho. (HERCULANO, 2007, p.57)

E neste momento crucial de sua trajetória, clama aos irmãos filhos de Espanhas a união para combater os invasores restando a seu espírito apenas os objetivos de seus últimos

ideais. E eis que quando chega o momento o destino se cumpre, quando o perigo assola os corações, o medo se alastra e as esperanças diminuem, o salvador aparece.

É nos dias em que se abre para a pátria uma longa carreira de desventuras, que tu surge, gardingo, (...) Na ebriedade da glória que te espera, porventura, achará o teu coração despedaçado pelas paixões que aí passaram o alívio e conforto que vejo teres buscado debalde nos braços de uma piedade austera, de uma vida de humildade de abnegação. (...) Vem Eurico, para que reverdeçam os louros da tua glória. Ouves a voz da pátria? É ela que te brada: Vem combater por salvar-me, tu o mais valente dos meus filhos! (HERCULANO, pp.58-59)

Por dever e obrigação a seus princípios éticos Eurico atende o apelo de seus concidadãos, e com a nobreza que os títulos por nascimento não lhe dera, anuncia ao amigo Teodomiro sua breve chegada.

Não existia remota possibilidade de Eurico evadir-se desta que era sua maior responsabilidade. Todavia era um desejo comum tanto da nação visigoda quanto de Eurico, a Espanha necessitando de seus esforços e Eurico de uma saída para reconfortar o que seu coração sabia, nunca seria preenchido por acalentos e delícias da paixão. Como por desculpa Eurico iria unir o seu patriotismo como pano de fundo para uma realização acometida por tantos heróis românticos, aproximar-se daquele que com sua prisão o livraria do seu encarceramento definitivo, o anjo da morte.

O momento sublime, o ápice da construção de Eurico como este herói advém na batalha, como de surpresa Eurico de vez assume seu papel que definitivamente era destinado a ele. O gardingo, o presbítero se cristalizava por completo e como um misterioso cavaleiro negro se concretiza como a sua última etapa desta transformação. E o que se verá após estes fatos são um dispendioso confronto de cujo qualquer final não lhe tirará os méritos e muito menos, a admiração exercida sobre ele. Teodomiro que o diga, jamais imaginária ser salvo naquele momento por seu velho amigo de tantas batalhas, Eurico agora mais forte e mais misterioso, e Teodomiro quando em uma de suas refregas e em perigo, as cortinas se abrem e entra em cena uma espécie de emissário, que estes autores descrevem assim:

Neste momento, por uma das pontes já desertas lançadas na noite antecedente sobre o críssus, soava um correr de cavalo a rédea solta. Alguns soldados que andavam mais perto da margem volveram para lá os olhos. Um cavaleiro de estranho aspecto era o que assim corria. Vinha todo coberto de negro: negros o elmo, a couraça e o saio; o próprio ginete murzelo; lança não trazia. (...) assim o cavaleiro desconhecido rompendo entro os godos precipitou-se para onde mais cerrado em redor de Teodomiro e Muguite fervia o pelejar. (IBDEM, 2007, pp.75-76)

No refúgio de oração e poesia. Eurico não esquece, porém a pátria em perigo e vai combater, cavaleiro negro, quase lendário contra os sarracenos e traidores, semeando

o terror em volta de suas armas ensanguentadas e incríveis.. Sempre anônimo acabará salvando a sua amada, prisioneira dos mouros. (FRANCA, 1993, p.133)

As aparições de Eurico, como cavaleiro impactaram os dois lados. Eurico, o herói cavaleiro negro assumia com suas empreitadas o que um homem comum possivelmente não conseguiria. O herói por vezes assume um aspecto que o liga a um ser sobrenatural, suas forças parecem se multiplicar e o zelo e a fúria com que combate impressionavam os irmãos godos e a seus inimigos. Era a impressão deixada a cada aparição a cada combate. Vejamos esse fragmento em que ampara este pensamento:

Passando por meio dos esquadrões sarracenos podia dizer-se que o desconhecido se assemelhava ao anjo do senhor, quando desce por entre os mundos onde habitam os demônios, solitários e temido no império dos filhos das trevas que o odeiam. A fama de suas façanhas tinha- o cercado de uma auréola de terror supersticioso, e quando passava, os guerreiros do deserto apontavam para ele e em voz sumida diziam uns aos outros –“ Ei-lo que vêm! Ei-lo, o cavaleiro negro!.(HERCULANO, 2007, p.84)

Eurico assume outro paradigma completando seus dotes de herói, o de invencível. É como se neste momento estivesse colocando em prática o que aprendera não como guerreiro comum, mas com um estereótipo que ainda sendo de carne o osso e espírito se constituía como ser invencível e imbatível ao braço humano. Eurico tornava-se o romântico herói no qual confundiam-se como um anjo e demônio ou um fantasma, pois sempre desaparecia no final de cada batalha deixando um mistério pairar e sendo sempre temível a qualquer impuro.

Um homem só combatia ainda daquele lado a beira do rio. Era o cavaleiro negro. Cercavam-no muitos sarracenos, mas de longe, porque os que ousavam aproximar-se dele caíam a seus pés moribundos. As vezes, como que tentava romper por entre os inimigos, mas era tentar o impossível.(IBDEM, 2007, p.85)

Se para o autor Herculano Eurico foi como pano de fundo para sua narrativa histórica, Eurico se apropria do embate para dar vazão aos seus angustiantes sofrimentos. Para o povo, mesmo anônimo já é um herói, as circunstâncias que cercaram sua vida o fizeram assim. Para ele, Eurico apenas um desgraçado que a vida esquecera.

Impelido com a justiça em suas mãos, após longos anos, o herói passa por sua pior provação; o reencontro com aquela que o destino resolveu usar como um devido pretexto para o começo de sua iniciação como herói, sua amada Hermengarda. Esta heroína, que ao ser resgatada e salva por Eurico que lhe revela sua identidade põe a prova seus sentimentos e sua fé. A Eurico resta a consciência de que não há mais como refutar a ideia de que não poderia sair vitorioso renegando sua fé, e desabafa;

Hermengarda, Hermengarda, eu amava-te muito! Adorava-te só no santuário do meu coração, enquanto precisava de ajoelhar ante os altares para orar no senhor. (...) Porque vens pedir-me adorações quando entre mim e ti está a Cruz ensanguentada do calvário; quando a mão do inexorável do sacerdócio saldou a cadeia da minha vida as lajes da igreja; quando o primeiro passo além do limiar desta será a perdição eterna? (HERCULANO, 2007, p.44)

No inconsciente de Eurico já se definia seu destino final. Um invencível cavaleiro negro acumulador de tantas vitórias, juiz de tantos mouros, salvador e esperança de tantos, não conseguia vencer e abdicar de seu juramento. O já constituído herói Eurico necessitava de alívio para suas dores restando-lhe uma difícil saída que para ele era a mais nobre. Como esclarece este autor:

Todo grande personagem é uma união de contrários: ele é alto cuja grandeza está na baixaza, ou é alto que cai e readquire grandeza na queda, ou então é o baixo que se eleva e se mostra grandioso apesar dos pesares. Quanto maior a sua desgraça não é mera choradeira, mas duro é o aprendizado da condição humana, transcendendo a doutrinação que lhe é inerente. A medida que a expiação da culpa originária aponta para uma solução do conflito trágico, leva também ser uma reconciliação interior.(KOTHE, 1987, p.13)

E num último ato, se lança no que seria sua redenção abraçando sua morte:

- Um contra três! Era um combate calado e temeroso. O cavaleiro da cruz parecia desprezar Muguite: os seus golpes retiniam só nas armaduras dos godos. Primeiro o velho Opas, depois Juliano caíram.

- Então, recuando, o guerreiro cristão exclamou:

- Meu Deus! – Possa o sangue do mártir, remir o crime do presbítero!

E, largando o franquisque. Levou as mãos ao capacete de bronze e arrojou-o para longe de si.

Muguite, cego de cólera, vibrara a espada: O crânio do seu adversário rangeu, e um jorro de sangue salpicou as faces do sarraceno.

Como tomba o abeto solitário da encosta ao passar do furacão, assim o guerreiro misterioso do Críssus caía para não mais se erguer!...(HERCULANO, 2007, pp.177-178)

Neste final em que o herói deixa se abater por Muguite deve-se considerar que Eurico apenas se preocupava em combater os dois traidores godos. Com essa decisão demonstra a total impossibilidade de traição a seus votos e de ficar com sua amada. Derrotando esses traidores da pátria, Eurico exemplifica com esse ato que não viveria sob a sombra de uma traição, preferindo a morte honrada à vergonha eterna. Conforme, Moisés, (1994, p.21), “Perdido no emaranhado de suas emoções, o romântico procura muitas vezes na morte a libertação de tudo que o oprime”.

Assim se conclui o fim de Eurico, inconformado e melancólico encontra na morte uma possível solução para o problema fundamental do homem romântico obtendo para si a morte como prêmio as suas duras penitências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje vivemos em um mundo repleto de conflitos de todas as proporções, vivemos uma vida de segregações em uma alucinada busca pelo poder. O homem subjuga suas crenças, desrespeita o livre arbítrio e nos faz congregar a uma fatalidade anunciada em que, o mais fraco se transforma sempre em uma espécie de submissão em relação aos mais fortes.

Sobre essas considerações nos convém refletir que, infelizmente se sabe que por crenças religiosas, soberanias, megalomania dos homens e o amor pelo capital, se transformam em desculpas, que conseqüentemente viram pretextos para que os mais fortes massacrem e sempre saiam vitoriosos em suas investidas. E os menos desprotegidos, os mais desprovidos de qualquer esperança, esses são esquecidos a própria sorte, não lhes restando outra saída a não ser a idealização de um pacificador para os seus problemas.

É dentro deste discurso que estão as disputas ideológicas, as guerras justas ou injustas servindo de máscaras para os interesses pessoais. Interesses que sempre geram e nos empurram para dois caminhos: a derrota espiritual e a escravização do homem.

E é partindo desta concepção que no inconsciente do homem brota uma incessante necessidade de se arriscar. Ir à procura de uma saída incentivada pelo desejo de liberdade e por uma eterna esperança que o livre de suas mazelas e suplícios. Assim tem sido no mundo moderno, assim foi e aconteceu nos remotos tempos em que Eurico para uma nação foi essa esperança.

Com este preâmbulo apenas reiteramos a discussão em relação ao herói presbítero. Como se percebeu no enredo, Alexandre Herculano caminha sobre a história, narrando os fatos que apesar de terem acontecido há séculos, trazem temas que são batidos e hoje bem atuais.

Para os que gostam de história, apenas os resultados do que aconteceu, os registros e dados históricos do conflito entre cristãos e mulçumanos já seriam mais que suficientes para preencher nossa curiosidade. Mas como todo e bom romântico, em sua obra, Herculano penetra personagens na história narrada, como se quisesse alterar os parágrafos que a história há muito tempo já definiu. Se historicamente não se soubesse o fim dessa passagem histórica poderíamos até acreditar em outro final que fosse diferente do que realmente

aconteceu. Mas a realidade crua e nua é diferente e se estabelece na história de acordo com convenções e privações provocadas pelo homem.

Entretanto sabe-se que o homem é no universo uma criação, e como tal se constrói adquirindo dotes e uma personalidade que certamente por suas ações na vida medirá o seu caráter. Por essa perspectiva Herculano põe sua criação em cena, constrói sua personagem “Eurico” alterando seus hábitos de acordo com os acontecimentos. Viabilizando para aquele povo prestes a ser escravizado, uma luz no fim do túnel. Herculano dá a Eurico essa representatividade e aos poucos na história insere seu herói.

Neste perfil de herói, pela perspectiva que se cria em torno deles como já denunciemos, imaginara-se que os problemas daquele povo cristão, por Eurico seriam resolvidos, a paz seria reestabelecida e o inimigo seria expulso. Mas vimos que esse herói não poderia interferir, contribuir sim! Mas que não mudaria o que o destino havia escrito e muito menos alteraria o final da história.

Alexandre Herculano o genitor literário do herói Eurico, tinha outros propósitos. Eurico estabeleceria apenas uma esperança, desejo que faz com que todo bom homem não abandone a luta. Pois Eurico é herói destemido, visto pelos homens como um semideus, mas por ser mortal também reflete defeitos. É pessimista, melancólico, misterioso e desgostoso com sua existência que por vezes chama de desgraçada. O herói fecha seu ciclo quando com sua morte, assassina a esperança de um povo e ao mesmo tempo evidencia seu perfil como herói romântico quando morre por amor. Com isso, registra-se também dentro da história a heroica resistência goda liderada por Pelágio que findaria historicamente com a libertação daqueles cristãos tempos depois.

E voltando a crua realidade dos fatos acreditamos que muitos heróis estão no nosso meio, despercebidos esperando uma chance para se manifestar. A grande maioria dos homens comuns apenas se fragmentam projetando os seus atos de heroísmo ao próximo. Ao nosso redor, próximos a nós existem verdadeiros heróis, diversos, cada um com seu jeito, sua essência, sua capacidade, suas limitações e com uma história para contar. Herculano narrou a dele, a minha, bem, a minha foi descobrir nestas infinitas leituras, encontros, discussões, noites mal dormidas escrevendo e reescrevendo foi que me levou a conhecer que, o meu verdadeiro e mais valoroso ato heroico que já realizei nestes últimos tempos foi chegar a este final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Introdução a Análise da Narrativa**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.
- BORNHEIM, Gerd. Filosofia do Romantismo, In GUINSBURG, Jacób. Organizador, **O Romantismo em Portugal**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- BRAGA, Teófilo. **História do Romantismo em Portugal**. Lisboa: Ulmeiro Universidade, 1984.
- BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- CARPEAUX, Otto Maria. Prosa e ficção do Romantismo, In GUINSBURG, Jacób. Organizador, **O Romantismo em Portugal**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- CEREJA, Willian Roberto. **Português e Linguagens**. São Paulo: Editora Atual, 1999.
- CITELLI, Adilson. **Romantismo**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CHAVES, Castelo Branco. **O Romance Histórico no Romantismo Português**. Portugal, Editora Biblioteca Breve, 1980.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental, Autores e Obras Fundamentais**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- FABEL, Nachman. Fundamentos Históricos do Romantismo In GUINSBURG, Jacób. Organizador, **O Romantismo em Portugal**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- FEIJÓ, Martin Cesar. **O que é o Herói**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- FERREIRA, Alberto. **Perspectiva do Romantismo Português**. Lisboa Porto: Letexa Ltda. 1920.
- FRANCA, José Augusto. **O Romantismo em Portugal**. Editora Livros Horizontes Ltda., 1993.
- FORSTER, E. M. **Aspectos do Romance**. Rio Grande do Sul: Editora Globo S.A. 1970.

HAUSER, Arnold. **História Social da Arte e da Literatura**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o Presbítero**. São Paulo, Editora Martin Claret, 2007.

KOTHE, Flávio Rene. **O Herói**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. São Paulo, Editora Cultrix: 1960.

_____ **A Literatura Portuguesa em Perspectiva**. São Paulo, Editora Atlas, 1994.

NUNES, Benedito. A Visão Romântica In GUINSBURG, Jacób. Organizador, **O Romantismo em Portugal**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

OLIVEIRA, Paulo Motta. Alexandre Herculano: Malhas da História, Armadilhas da Ficção. In **Romance Histórico, Recorrências e Transformações**. Maria Cecília Bruzzi Boechat, Silvana Maria Pessoa de Oliveira. Organizadores. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000.

SARAIVA, Antônio José. **História da Literatura Portuguesa**. Portugal. Porto Editora: 2001.

SILVA, Cibele Imaculada. FRANÇA, Ciléa Tavares. O que separa os amantes? Uma leitura comparativa de “*Eurico, o Presbítero*” de Alexandre Herculano, e “*A barca dos amantes*”, de Antônio Barreto. In **Romance Histórico Recorrências e Transformações**. Maria Cecília Bruzzi Boechat, Paulo Mota Oliveira, Silvana Maria Pessoa de Oliveira, Organizadores. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2000.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

SOARES, Maria de Lourdes. O romance de José Saramago: um novo paradigma do romance histórico. In **Romance Histórico Recorrências e Transformações**. Maria Cecília Bruzzi Boechat, Paulo Motta Oliveira, Silvana Maria Pessoa de Oliveira. Organizadores. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2000.

VOLUBUEF, Karin. **Frestas e Arestas, A prosa de Ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

ZANINI, Walter. A Arte Romântica. In GUINSBURG, Jacób. Organizador, **O Romantismo em Portugal**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

